

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
CURSO DE LETRAS – LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA
E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

GÊNEROS CURTOS OU FORMAS BREVES: DO ROTEIRO AO CONTO

LETÍCIA SALAZAR MORETTO

Florianópolis, 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
CURSO DE LETRAS – LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA
E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

GÊNEROS CURTOS OU FORMAS BREVES: DO ROTEIRO AO CONTO

Letícia Salazar Moretto

Prof. Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

MEN 7001 – Estágio Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Relatório de Estágio de Docência apresentado ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Letras.

Florianópolis

2013

Agradeço a minha família, sem a qual nada disso teria sido possível. Muito obrigada.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO _____	007
2. CAMPO DE ESTÁGIO _____	009
2.1 A INSTITUIÇÃO ESCOLAR _____	009
2.2 HISTÓRICO DA ESCOLA _____	010
2.3 A TURMA OBSERVADA _____	013
3 O ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO _____	014
3.1 RELATO CRÍTICO DAS AULAS OBSERVADAS _____	014
4. PROJETO DE ESTÁGIO DE DOCÊNCIA _____	017
4.1 APRESENTAÇÃO _____	017
4.2 ESCOLHA DO TEMA _____	017
4.3 JUSTIFICATIVA _____	018
4.4 REFERENCIAL TEÓRICO _____	019
4.5 METODOLOGIA _____	020
4.6 RECURSOS _____	020
4.6.1 RECURSOS MATERIAIS _____	020
4.6.2 RECURSOS BIBLIOGRÁFICOS _____	020
4.7 PLANOS DE AULA _____	021
5. RELATO E DOCUMENTAÇÃO DO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA _____	046
5.1 DESCRIÇÃO DAS AULAS MINISTRADAS _____	046
5.2 PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS _____	051
6. PROJETO EXTRACLASSE _____	053
6.1 INTRODUÇÃO _____	053

6.2 AÇÃO _____	053
6.3 JUSTIFICATIVA _____	053
6.4 REFERENCIAL TEÓRICO _____	054
6.4.1 FÁBRICA DE HERÓIS APRESENTA: A RETOMADA DO REINADO _____	054
6.4.2 O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO – A ESCRITA EM CONSTANTE EVOLUÇÃO _____	056
6.4.3 NÃO OMITO O MITO: VAMPIROS _____	058
6.4.4 A LÍNGUA PORTUGUESA EM JOGO _____	059
6.5 OBJETIVO GERAL _____	061
6.5.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS _____	061
6.6 DESDOBRAMENTOS DA AÇÃO _____	062
6.7 METODOLOGIA _____	062
6.8 AVALIAÇÃO _____	063
6.9 PLANOS DAS OFICINAS _____	064
6.9.1 FÁBRICA DE HERÓIS APRESENTA: A RETOMADA DO REINADO _____	064
6.9.2 O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO – A ESCRITA EM CONSTANTE EVOLUÇÃO _____	067
6.9.3 NÃO OMITO O MITO: VAMPIROS _____	072
6.9.4 A LÍNGUA PORTUGUESA EM JOGO _____	073
7. RELATO E DOCUMENTAÇÃO DO EXTRACLASSE _____	084
7.1 RELATO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS _____	084
7.2 O CONSELHO DE CLASSE _____	085

8 ENSAIO _____	086
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	089
10 REFERÊNCIAS _____	090
11 ANEXOS _____	093
11.1 TERMOS SIARE _____	093
11.2 FICHA DE REGISTRO DAS OBSERVAÇÕES _____	094
11.3 AMOSTRAS DOS TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS ____	095
11.3.1 PRIMEIRA VERSÃO DOS ROTEIROS _____	095
11.3.2 SEGUNDA VERSÃO _____	098
11.4 CONTOS _____	100
11.4.1 PRIMEIRA VERSÃO _____	100
11.5 EXERCÍCIOS EM SALA _____	103
11.6 EXTRACLASSE _____	107
11.7 FOTOS _____	113

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade a apresentação do ocorrido durante o Estágio de Docência referente à disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, do Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Santa Catarina, ministrada pela professora Dra Isabel de Oliveira e Silva Monguilhot. Esse estágio, pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua e Literatura Vernáculas, foi realizado pela acadêmica Letícia Salazar Moretto no sexto ano matutino da EEB Padre Anchieta.

O estágio é dividido em três etapas, que serão mais detalhadas ao decorrer deste trabalho. Na primeira, descrevemos o campo de estágio, os alunos e o perfil do professor titular da turma observada, a partir de observações feitas na própria escola, previstas no calendário da disciplina, condizentes com a ideia de que o conhecimento da realidade do aluno é indispensável para um processo ensino-aprendizagem vivo e saudável. Assistimos a dez aulas, além do conselho de classe e uma visita inicial para conhecer o ambiente escolar.

A partir da observação pudemos partir para a concretização da segunda etapa do estágio, a saber, o projeto de docência para os alunos do 6º ano do turno matutino do Padre Anchieta, pois houve a oportunidade de conhecer e perceber as necessidades, dificuldades e interesses dos alunos em questão. O tema escolhido para o trabalho foram “gêneros curtos”, especificamente o roteiro para vídeo de internet e o conto, justamente pela brevidade, que permitiu a leitura na íntegra dos textos. Além disso, principiamos pelo roteiro para demonstrar aos alunos que tudo a que assistem é permeado pela escrita, procurando dissolver as barreiras entre a escrita, por eles relacionada à escola, e o audiovisual, que relacionam à diversão. O projeto também traz os planos de aula e os materiais entregues aos alunos. Finalizando esta etapa, há uma reflexão da estagiária sobre a prática, a atuação docente e o resultado obtido.

Em seguida, encontra-se o projeto extraclasse, pensado para complementar as horas faltantes de docência. Esse projeto foi realizado por todos os estagiários da turma de estágio I, como o Dia da Língua Portuguesa, em que os alunos foram dispensados de um dia de aula regular para a participação nas oficinas realizadas pelos estagiários. A oficina proposta por nós tem como tema a criação de personagem para o jogo de RPG, que, a nosso ver, estimula a criatividade e a escrita de forma lúdica. Neste momento

também estará descrita a fundamentação teórica do projeto, a metodologia aplicada, os resultados obtidos e a reflexão dos estagiários quanto à própria docência.

Fechará o trabalho um ensaio que descreve as nossas impressões pessoais sobre o trabalho realizado.

2 CAMPO DE ESTÁGIO

2.1 A INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A Escola de Educação Básica Padre Anchieta está localizada à rua Rui Barbosa, 525, no bairro Agronômica, Município de Florianópolis, Estado de Santa Catarina. Essa localização lhe permite atender às comunidades do Morro do Horácio e do Morro do 25 e também a faz participar da Comissão de Educação do Fórum do Maciço do Morro da Cruz, cujo lema é “reescrever o mundo com o lápis e não com armas”(Salvador Allende). Sobre esta comissão, nos informa o PPP da escola que:

Esta Comissão é responsável pela articulação, organização e encaminhamentos propositivos na construção de políticas públicas educacionais, cuja coordenação geral está a cargo do Pe Wilson Groh. Em encontros mensais são discutidas as ações das escolas voltadas para: formação continuada dos educadores, reivindicações junto à Secretaria de Educação do Estado e Gerência de Educação (infra-estrutura das escolas, eleição da equipe gestora, capacitação docente), bem como, levantamento de temas que emergem do contexto social das comunidades que integram o Maciço do Morro da Cruz para compor os planejamentos e reorientarem as práticas pedagógicas. Os projetos essenciais elencados são: Dia Mundial das Águas, Mostra Ambiental, Dia Nacional da Consciência Negra e III Encontro de Arte (TAC). (PPP, p.8, 2013)

Em relação à comunidade escolar, atualmente é formada por 852 alunos, sendo 376 das séries iniciais do Ensino Fundamental, 331 das séries finais e 145 alunos do Ensino Médio. No período diurno há os três níveis de ensino, enquanto no noturno há somente ensino médio, pois a escola não atende à EJA (Educação de Jovens e Adultos). Os professores são, no total, 58, sendo, destes, 21 efetivos e 37 ACTs.

A escola segue uma orientação pedagógica sócio-histórica e reconhece a relação dialética entre o homem e a história. Segundo o próprio PPP da escola, é necessário que se parta do conhecimento de senso comum que o aluno já traz ao ingressar na escola para levar aos conhecimentos científicos que esta tem o dever de lhe proporcionar, e que ambos os conhecimentos devem ser trabalhados de forma dialética, permitindo, assim, o desenvolvimento intelectual dos estudantes.

2.2 HISTÓRICO DA ESCOLA

A escola, fundada em 1929 pelo Arcebispo D. Joaquim Domingues de Oliveira, então denominada Escola São Luiz, foi elevada à categoria de grupo escolar, sendo então chamada de Grupo Escolar Arquidiocese Padre Anchieta, já sob o controle do Estado de Santa Catarina.

Nessa época, tanto o edifício em que estava estabelecida a escola como o mobiliário nele existente pertencia à Mitra Metropolitana. Nesse prédio, havia sete salas de aula, um gabinete e uma portaria. A cozinha, a biblioteca e a sala de educação física funcionavam à parte.

Em maio de 1936 inaugurou-se um novo prédio escolar.

Devido a um incêndio ocorrido em 1º de agosto de 1940, todo o Estabelecimento Escolar foi destruído e teve que ser substituído por um novo, este inaugurado no dia 31 de março de 1941.

Em 1951, a professora Hilda Teodoro Vieira foi nomeada para exercer a função de diretora do Grupo Escolar Arquidiocesano Padre Anchieta.

A conquista de um prédio próprio veio somente em 1º de agosto de 1970, construído em área cedida pelo educandário XXV de Novembro, ao lado deste. O Edifício foi construído pelo governador Ivo Silveira com o nome de Grupo Escolar Arquidiocesano Padre Anchieta.

Entre 1971 e 1974, o ensino foi ampliado para abarcar da quinta à oitava séries. Em 1985, foi autorizado o funcionamento do ensino de segundo grau, sendo a escola transformada em Colégio Padre Anchieta. A classe pré-escolar começou a ser atendida em 1983.

O Conselho Deliberativo Escolar foi implantado em novembro de 1985 e funcionava com vinte e oito membros, sendo sete representantes do segmento dos pais, sete do segmento alunos, três da direção, dois dos especialistas educacionais, oito dos professores e um dos funcionários e o presidente, Sr. Walter Augusto Correa Bastos, pertencente ao segmento de pais, também era presidente da APP. Esse conselho parece ter sido dissolvido por volta de 1987, pois, após esse ano, nada consta que comprove seu funcionamento.

Entre 1988 a 1994, podem ser encontrados registros de convocações para reuniões pedagógicas cujas atas relatavam, entre outros assuntos, a discussão do regimento interno, horas atividades que seriam usadas para planejamento e grupos de estudo, quem fecha ou abre os portões, uniformes, quem cuida do recreio, que os alunos de 1ª a 4ª série deveriam entrar para sala em fila e acompanhados pelo professor de sala. No livro de Atas, encontram-se o registro de três reuniões em 1988, duas em 1989, e, após esta data, somente se vêem registros referentes ao ano de 1992.

Nesta época, o quadro de recursos humanos era composto por um Diretor Geral e um adjunto; um administrador escolar; duas secretárias; uma auxiliar de secretaria; dois auxiliares de direção e um auxiliar administrativo; dez agentes de serviços gerais; um orientador escolar com 40 horas; dois supervisores escolares, sendo um de 40 horas e um de 20 horas semanais; um assistente social; duas professoras readaptadas; duas professoras do pré-escolar; quinze professores de 1ª a 4ª série; vinte e oito professores de 5ª a 8ª série.

Entre 1994 e 1995 o prédio foi reformado e ampliado, sendo construído o prédio 02 e feitas diversas modificações necessárias para a conservação do local. A nova direção que assumiu em 1995 solicitou termo aditivo para a conclusão da obra, pois foram encontrados vários problemas na execução.

Em 1996, com o programa Acorda Brasil, do Governo Federal, a escola passou a receber verbas, entregues direto para a escola. Este programa tinha como fim a manutenção e o desenvolvimento do Ensino Fundamental. Os recursos eram administrados pela APP e destinados a despesas correntes da unidade escolar, como aquisição de material de expediente, de consumo, de limpeza, pedagógico ou para pequenos reparos com fim de conservação do prédio escolar bem como assinatura de revistas e publicações pedagógicas e capacitação de professores (pagamento de palestrantes, e/ou ministrantes de cursos, sem vínculo empregatício com o Estado). Outro programa que também enviou recursos com a mesma finalidade neste ano foi o Viva a Escola, do Governo Estadual. No ano seguinte, a parceria com o SINE permitiu oferecerem-se os cursos de Culinária e Corte e Costura para toda comunidade.

Em 1999, a escola aderiu ao Programa Atendimento Escolar Hospitalar firmado entre o MEC/SEESP, o Estado de Santa Catarina e hospitais vinculados à

Secretaria Estadual de Saúde. Trata-se de um programa de acolhimento diferenciado às crianças e jovens internados em hospitais que necessitam de acompanhamento educacional especial, para não perderem a ligação com a escola. Para isso, oferece-se atendimento sistemático e diferenciado, no nível de Educação Fundamental: a escola contrata o professor para lecionar na Classe Hospitalar do Hospital Infantil Joana de Gusmão. O projeto permanece até hoje.

Na última reforma, em 2002, foi construído o Ginásio de Esportes “Prof^a Márcia Regina Lapolli”, cujo nome foi dado em homenagem a esta educadora.

Entre os anos de 2003 e 2006, em parceria com diversas instituições, foram desenvolvidos na escola vários projetos. Podemos citar alguns deles: Flori Floripa (atividades diversas contra turno escolar), Instituto Guga Kuerten (aulas de tênis), FESPORTE (Moleque Bom de Bola), Secretaria da Educação e Inovação (TV Escola), Amigos da Escola, UNISUL (aulas de voleibol), UDESC (oficinas de teatro, Dança, Poesia), Promotoria da Infância e da Juventude, Conselho Tutelar, Grupo Afro-Catarina (Tênis de Mesa, Capoeira e Karatê). Também podemos mencionar o programa Escola Aberta, também ocorrido neste período. Esse programa permitia a abertura da unidade escolar também nos finais de semana, proporcionando a parceria entre escola e comunidade para ocupação criativa do espaço escolar aos sábados e/ou domingos com atividades educativas, culturais, esportivas oferecidas aos estudantes e à população do entorno, como uma opção de lazer durante os finais de semana.

Posteriormente, nos anos de 2009 a 2011, a escola integrou o Programa Mais Educação, com o objetivo de aumentar a oferta educativa nas escolas públicas valendo-se de atividades optativas agrupadas em macrocampos como acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, educomunicação, educação científica e educação econômica. Este projeto só foi possível graças ao Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), financiado pelo Governo Federal. A prioridade de atendimento do programa eram as escolas com baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e situadas em capitais e regiões metropolitanas. Graças a este programa, a escola adquiriu jogos lúdicos, instrumentos musicais, livros infantis dentre outros; os estudantes permaneciam na escola após o período de aula, recebiam refeições e tinham atendimento de reforço escolar, aulas de artesanato, música e teatro.

2.3 A TURMA OBSERVADA

A turma escolhida é uma turma de sexto ano, que, de acordo com informação da professora regente, é composta de vinte e cinco alunos. No entanto, os números a seguir foram apurados a partir das respostas a questionário aplicado no dia 4 de setembro de 2013 e alguns alunos não compareceram à aula neste dia, de modo que apenas vinte alunos o responderam. Dos vinte, treze são meninos, seis, meninas e, como um alunos não colocou nome, não pudemos apurar o sexo. Esses números resultam em um percentual de 69,5% meninos, 30% meninas e 0,5% outros (sem resposta). Um dos alunos que respondeu ao questionário é especial e recebe auxílio de uma segunda professora. Há outro aluno especial, mas ele não compareceu à aula naquele dia, porque estava doente.

Quanto à idade, há oito alunos com 12 anos, três alunos com 13 anos, cinco alunos com 14 anos e dois alunos com 11 anos, pelo que podemos constatar que 10 alunos (50% da turma) estão na idade indicada para a série (entre 11 e 12 anos). Salientamos ainda que dois alunos não responderam a esse item.

As carteiras, em sala de aula, estão organizadas em fileiras e a professora auxiliar nos informou que havia um espelho de classe, mas em nenhum momento esse espelho foi exigido dos alunos. Esse modo de organizar demonstra que a escola dá mais valor à disciplina que ao convívio entre os alunos.

Os alunos, em sua maioria, são bem infantis, mas conversam bastante. Alguns tentam enfrentar a professora, principalmente os mais velhos. No geral, a turma é bem agitada e os alunos se tratam com agressividade.

3 RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO

É indispensável o conhecimento da realidade do aluno para um processo de ensino-aprendizagem vivo e saudável. Assim, a disciplina de Estágio 1 oportuniza para os estagiários o conhecimento do contexto escolar em que as aulas serão posteriormente ministradas, para que os estagiários, conhecendo a realidade em que trabalharão, possam planejar as aulas de maneira mais adequada e produtiva.

A turma de estágio I neste semestre optou por não divulgar os relatórios das aulas dadas pelo professor, portanto traremos somente um relato crítico das aulas observadas, que pode ser lido a seguir.

3.1 RELATO CRÍTICO DAS AULAS OBSERVADAS

Nas últimas décadas, no Brasil, tem-se discutido muito a respeito de como deve ser o ensino em sala de aula e como deve ser a relação entre professor e alunos. Nestas discussões, o grande norte tem sido Bakhtin e Vigotski, o que pode ser facilmente percebido ao se ler os PCN e as propostas curriculares dos estados, no nosso caso o de Santa Catarina, bem como a vasta produção de trabalhos acadêmicos de pesquisadores que leram os trabalhos e são orientados por esses dois gigantes da educação.

O que observamos em sala de aula, no entanto, parece distante do preconizado por tantos pesquisadores. Um dos episódios mais significativos dessa distância foi a oportunidade em que a professora regente da turma nos mostrou o resultado da atividade de avaliação de leitura feita com os alunos, em que tiveram um desempenho muito abaixo do esperado. Nesta oportunidade, ela salientou diversas vezes que os alunos não conseguem entender o que leem e nem responder de maneira correta às perguntas porque “não sabem pensar”. Reconhecemos aí uma postura tradicionalista, que enxerga a língua como “expressão do pensamento”, já encontrada em gramáticos gregos, como nos diz Molina: “por meio da análise do conteúdo gramatical da obra, percebemos ser seu autor seguidor das de orientação clássica, que compreendiam o conceito de gramática como ‘uma arte que ensina a declarar bem os nossos pensamentos por meio de palavras’” (MOLINA, 2010, pp. 348-349) Além disso, a professora regente afirmou que os alunos têm “problemas cognitivos”, pensamento que a faz subestimar a inteligência dos estudantes, afirmando que não pode passar atividades muito complexas porque “eles não têm capacidade”. Não tivemos acesso ao material didático, somente à

opinião da professora regente de que é bom, porém os textos são muito longos, e os alunos não teriam condições de lê-los devido à extensão.

Outro ponto observado é o tocante ao relacionamento da professora com os alunos, de maneira geral bom, mas, às vezes, os trata de uma maneira maternal. Ela nos contou que muitos a chamam de “mãe” mas não presenciamos nenhum episódio em que isso ocorresse. A esse respeito, nos fala Alves: “em vez de esta relação ser dirigida profissionalmente ele inconscientemente termina atendendo à demanda de afeto [não consciente] do aluno, e, desse modo, não consegue exercer seu papel de autoridade docente cujo resultado prejudica o processo de ensino e aprendizagem” (ALVES, 2011, p. 4). A professora, porém, demonstra bom controle da turma e isso parece não atrapalhar as aulas.

Com relação ao conteúdo a ser ministrado nas aulas, a Proposta Curricular de Santa Catarina (doravante PC-SC), afirmando “Admitindo, após algumas considerações mais específicas sobre o funcionamento das línguas, que os conteúdos programáticos tradicionais, de caráter metalingüístico, perdem a razão de ser na presente proposta.” (1998, p. 73), segue os passos de Gerdali (1985), que desaprova um ensino puramente gramatical e metalingüístico na sala de aula. Em conformidade com esse discurso, a professora regente afirmou em diversas oportunidades que acredita ser a metalinguagem um “acessório” no ensino do português, e que o importante, para os alunos, é dominar os gêneros escritos, pois a metalinguagem pode facilmente ser consultada em gramáticas mas a competência escrita precisa ser ensinada e treinada. No entanto, na nossa opinião, ela não está fazendo isso, pois ela insiste na classificação de “adjetivos”, “substantivos” e “verbos” e faz os alunos procurarem essas classes gramaticais no texto, sem, durante a nossa observação, ministrar uma aula destinada a “ensinar a escrever”. A habilidade da escrita é um conteúdo procedimental, a respeito do que podemos ler no PC-SC: “De fato, temos de pensar também em **procedimentos** ou **estratégias**, o que significa que desejamos saber “como fazer coisas” de modo a obter eficácia” (p. 74), claramente podemos ver que a educação não se restringe a simplesmente passar conhecimentos conceituais, mas também ensinar a realizar as atividades. Uma situação observada ilustra esse quadro: a professora passou a atividade de histórias em quadrinhos sem antes haver uma preparação prévia no sentido de ensinar-lhes como elas funcionam. Isso faria sentido se se tratasse de um público acostumado a elas, mas, neste caso particular, em que ela havia se queixado para os estagiários de que, em uma atividade anterior com histórias em quadrinhos, os alunos não tinham sequer noção de

sequência nesse gênero. Nesse caso, faltou o conhecimento procedimental, que é de caráter mais prático.

A leitura esteve presente em todas as aulas assistidas, mas de maneira bem livre: os livros eram distribuídos e os alunos, orientados a ler cada um por si e “sem conversa”. Enquanto isso, a professora se dedicava a outras atividades, como correção de avaliações já feitas pelos próprios alunos. Essa atividade coincide, em forma, com a proposta de Geraldi “os alunos escolherão um dos livros para a leitura individual (...). A avaliação, portanto, deverá se ater somente ao aspecto quantitativo (...)” (1985, pp.50-51), porém com uma diferença que a desvirtua: os alunos não podem escolher o que vão ler. O livro é previamente escolhido pela professora para o trabalho, o que invalida a leitura por fruição. Os alunos, na atividade presenciada, leem para conhecer o conteúdo do livro, o que, a nosso ver, deveria ser orientado mais de perto pela professora.

4 PROJETO DE DOCÊNCIA: GÊNEROS BREVES: DO ROTEIRO AO CONTO

4.1 Apresentação

Uma das mais importantes etapas da formação de professores é o estágio obrigatório, período em que o futuro docente é orientado a preparar aulas e lecionar, sempre amparado por uma base teórica consistente. No curso de Língua Portuguesa e Literaturas, os graduandos passam por dois estágios obrigatórios, um no Ensino Fundamental e outro no Ensino Médio. O presente projeto refere-se ao estágio realizado no Ensino Fundamental.

Antes, no entanto, da elaboração do projeto, os estagiários são orientados a inserir-se no cotidiano da escola, assistindo a um total de dez aulas regulares na turma escolhida para a realização da docência, bem como conhecendo a escola, tanto o prédio físico quanto sua organização, por meio de entrevistas e leitura do PPP da escola. Uma vez feitas as observações, os estagiários ausentam-se da sala de aula, e têm como tarefa a elaboração de um projeto que, conectado à realidade dos alunos, permita-lhes avançar em conteúdo de língua portuguesa, respeitando o planejamento da professora regente e o PPP da escola.

A nossa professora regente deu-nos liberdade de conteúdo a trabalhar, sem fazer qualquer exigência. No entanto, pareceu-nos pertinente atender às queixas constantes apresentadas pela professora de que os alunos têm pouca habilidade com a escrita. Ao mesmo tempo, gostaríamos de propor uma aula que fosse interessante para os alunos da turma, e percebemos que a grande maioria deles gosta muito de assistir a filmes. O desejo de contentar a ambos nos levou a uma alternativa que procura conciliar recursos audiovisuais, leitura e escrita, resultando no presente projeto.

4.2 Escolha do tema

Alguns gêneros curtos ou “formas breves”.

A motivação inicial para a escolha do tema tem a ver com a identificação – a partir do questionário aplicado em sala aos alunos da 6ª série do Ensino Fundamental da Escola Padre Anchieta durante o processo de observação de estágio, que faz parte do cronograma do plano de ensino da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura – de um problema que atinge a maior parte da turma: a apatia em relação à ideia de literatura e de modo geral aos meios (veículos) mais tradicionais de circulação da linguagem verbal escrita.

Por meio de questionário, constatamos que os alunos têm muito interesse por cinema, então, para conciliar o interesse dos alunos com a necessidade de aprendizado, procuramos viabilizar um meio de mostrar como o cinema a princípio e depois o vídeo de modo geral se amparam em linguagem escrita e na literatura. Escolhemos roteiros de vídeos curtos e contos por serem textos menos extensos e, portanto, mais fáceis de serem disponibilizados para os alunos, além de ser possível a sua leitura integral, o que seria inviável com um romance, face o número restrito de aulas do estágio de docência.

4.3 Justificativa

O presente projeto tem a sua importância justificada a partir da nossa constatação, da necessidade de aproximar o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos da turma em questão, de objetos culturais que, sendo geralmente associados ao segmento do entretenimento, contribuem para a resposta por parte desses alunos, como uma visão que deverá refletir um menor distanciamento entre as concepções de lazer e obrigatoriedade.

Entre os principais objetivos deste projeto estão: a obtenção por parte dos alunos de um conhecimento básico (interpretação [leitura]/ produção [escrita]) sobre os gêneros (conto/roteiro) do discurso trabalhados na sala de aula durante o período do nosso Estágio de docência; que eles entendam as diferenças e a relação de reciprocidade que existe entre a linguagem cinematográfica e a literária, e que este tópico seja desenvolvido principalmente no que diz respeito à relação e à diferença entre os tipos de roteiro e o conto. Que geralmente aquilo que eles vêem na televisão, na internet ou no cinema em forma de vídeo, foi gerado a partir de um texto, e que talvez a diferença entre lazer e obrigatoriedade seja atribuída mais aos “lugares” das coisas do que às coisas em si.

Com o PPP da escola este projeto dialoga no sentido de buscar responder às demandas apresentadas tanto pelo discurso adotado pela Comissão de Educação do Fórum do Maciço do Morro da Cruz – na medida em que acreditamos que a reprodução de gestos e situações violentas, mesmo que ficcionais, tendam a, na melhor das hipóteses, convidar pelo menos parte desses alunos a presenciar dramatizações que só fazem estender um universo vivido por eles fora da escola – quanto pelos números dos gráficos socioeconômicos inseridos no texto.

No que diz respeito ao local de residência das pessoas que fazem parte da comunidade escolar (professores, funcionários, pais e alunos), o PPP da escola fornece informações mais específicas sobre os últimos.

O bairro de procedência dos alunos e conseqüentemente de seus pais, predominante na escola é a Agrônômica, mesmo se não levássemos em conta que o Morro do Horácio, comunidade que ocupa a 4ª posição no quadro geral das comunidades nas quais mais alunos da escola vivem, está no perímetro desse bairro. O Morro do 25, localizado já no centro, ocupa a 2ª posição no quadro, e a vila Santa Vitória, que também fica no centro da cidade, ocupa a 3ª.

4.4 Referencial Teórico

Como já foi apresentado nos dois ensaios críticos sobre o período de observação do nosso Estágio de Ensino de Língua Portuguesa, toda a base teórica tanto dos Parâmetros Curriculares Nacionais, do Projeto Político Pedagógico da Escola de Educação Básica Padre Anchieta, quanto das diretrizes do DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO da UFSC, estão amparadas na concepção de linguagem de Mikhail Bakhtin, mais especificamente nos ensaios sobre filosofia da linguagem em *Marxismo e filosofia da linguagem*, e em *Estética da criação verbal*, no que diz respeito à sua concepção sobre os gêneros do discurso.

Seguindo as trilhas dessa corrente teórica inicial, propomos o uso de publicações no âmbito bibliográfico, cinematográfico e videográfico, que reforçam a hipótese de que o processo de apropriação da linguagem verbal é mais facilmente assimilado quando partimos de exemplos de seu uso social. Os roteiros, contos, filmes e vídeos que serão apresentados representam, nesse sentido, legítimos “fatos de linguagem” na medida em que, ainda que pertençam à esfera do ficcional, são motivados por verdadeiras demandas que, reconhecidas pelo setor privado como possibilidade de retorno de investimentos, não são outra coisa senão uma das faces dessa relação entre a linguagem e a sociedade. Assim, coerentes com o que prega Paulo Freire, partimos da realidade do aluno, isto é, de algo que eles conhecem e vivenciam no dia a dia, mas não paramos nisso. A tarefa da educação é abrir os horizontes do aluno para que ele tenha acesso a conhecimentos que não teria caso não fosse escolarizado.

Além disso, optamos por trabalhar com textos pois, segundo Geraldi, é impossível apropriar-se de uma língua senão através do seu uso. A produção textual é uma das maneiras que esse autor propõe para o trabalho com língua portuguesa em sala de aula,

de modo a afastar-se da metalinguagem gramatical pura e simples, cujo ensino decorre da confusão existente entre estudar gramática e estudar língua portuguesa, pois o objetivo da escolarização é a apreensão do funcionamento da língua, que permitiria ao aluno o trânsito entre diferentes esferas sociais, e não pode ser proporcionado pelo simples memorizar da gramática. A leitura, escritura e análise linguística dos textos permitirão aos alunos um uso cada vez mais consciente e reflexivo da língua utilizada em seu cotidiano.

4.5 Metodologia

- Distribuição de textos.
- Exercícios de leitura silenciosa.
- Exercícios de leitura em voz alta.
- Discussões sobre os textos lidos.
- Apresentação de filmes e outros tipos de vídeo.
- Discussão sobre os vídeos assistidos.
- Aplicação de questionário.
- Aulas expositivas.
- Pesquisa a ser feita em casa.
- Produção textual.
- Revisão de texto.
- Análise linguística a partir de exemplos dos textos dos próprios alunos.
- Reescrita dos textos.

4.6 Recursos

4.6.1 Recursos materiais

- Cópias, para os alunos, dos textos a serem lidos.
- Cópias, para os alunos, de questionário a ser respondido sobre as leituras.
- Quadro, caneta/giz.
- Audiovisual.
- Folhas de papel almaço.

4.6.2 Recursos bibliográficos

- Livros de contos

4.7 Planos de aula

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I: 2013.2

Professora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Professora regente da turma: Ana Carolina França de Oliveira

Estagiário responsável pela aula: Felipe José Martins Pereira

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 6º ano

Plano de aula

Aula 1: primeiro encontro (terça-feira – 08/10/2013_9h15 às 10h)

TEMA:

- Roteiro de vídeo para a internet (Youtube).

OBJETIVOS:

- Aproximar a prática de produção textual a partir de suportes ligados a objetos culturais do âmbito do entretenimento, como ampla esfera de atividade humana que abrange outras atividades em torno dessa prática.
- Apresentar roteiros de vídeos feitos exclusivamente para a internet, cumprirá a função de atribuir à prática de produção textual um aspecto menos dogmático.

CONTEÚDO:

- Roteiros dos vídeos do grupo Porta dos Fundos feitos para o *site* Youtube, publicados em agosto de 2013 no Rio de Janeiro pela editora Sextante e os vídeos do grupo.
- Vídeos do grupo Porta dos Fundos.

METODOLOGIA:

- Conversa na sala de aula sobre a ideia do trabalho com o gênero “roteiro” por conta da necessidade que toda produção audiovisual tem, de ser direcionada por um texto em linguagem verbal escrita.
- Conversa na sala de aula sobre o grupo Porta dos Fundos.
- Apresentação do suporte (livro) “Porta dos Fundos”.
- Levar os alunos para a sala de vídeo.
- Apresentação do vídeo “log out” do grupo Porta dos Fundos na sala de vídeo. (2:43)
- Distribuição das cópias do roteiro do vídeo “log out” do grupo Porta dos Fundos.
- Leitura silenciosa do roteiro do vídeo “log out” do grupo Porta dos Fundos.
- Leitura oral do roteiro do vídeo “log out” do grupo Porta dos Fundos.

- Distribuição das cópias do roteiro do vídeo “Batalha” do grupo Porta dos Fundos.
- Leitura silenciosa do roteiro do vídeo “Batalha” do grupo Porta dos Fundos.
- Leitura oral do roteiro do vídeo “Batalha” do grupo Porta dos Fundos.
- Apresentação do vídeo “Batalha” do grupo Porta dos Fundos. (4:25)
- Discussão sobre a diferença entre o vídeo e o texto.

RECURSOS:

- Cópias dos roteiros dos vídeos do grupo Porta dos Fundos.
- Audiovisual.

AVALIAÇÃO:

- Participação/comportamento em sala.
- Leitura.

BIBLIOGRAFIA:

- FUNDOS, Porta dos. **Porta dos Fundos**; Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I: 2013.2

Professora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Professora regente da turma: Ana Carolina França de Oliveira

Estagiário responsável pela aula: Felipe José Martins Pereira

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 6º ano

Plano de aula

AULA 2: segundo encontro (quarta-feira – 09/10/2013_7h45 às 8h30)

TEMA:

- Roteiro de vídeo para a internet (Youtube).

OBJETIVOS:

- Dar continuidade à apresentação dos vídeos do grupo Porta dos Fundos acompanhada pela leitura de seus respectivos roteiros.

CONTEÚDO:

- Roteiros dos vídeos do grupo Porta dos Fundos feitos para o *site* Youtube, publicados em agosto de 2013 no Rio de Janeiro pela editora Sextante e os vídeos do grupo; vídeos do grupo Portas dos Fundos.

METODOLOGIA:

- Levar os alunos para a sala de vídeo.
- Na sala de aula, distribuição do roteiro do vídeo “Taxista” do grupo Porta dos Fundos.
- Leitura silenciosa do roteiro do vídeo “Taxista” do grupo Porta dos Fundos.
- Leitura oral do roteiro do vídeo “Taxista” do grupo Porta dos Fundos.
- Apresentação do vídeo “Taxista” do grupo Porta dos Fundos. (1:23)
- Discussão.
- Apresentação do vídeo “Trago a pessoa amada” do grupo Porta dos Fundos. (2:39)
- Distribuição do roteiro do vídeo “Trago a pessoa amada” do grupo Porta dos Fundos.
- Leitura silenciosa do roteiro do vídeo “Trago a pessoa amada” do grupo Porta dos Fundos.
- Leitura oral do roteiro do vídeo “Trago a pessoa amada” do grupo Porta dos Fundos.
- Apresentação do vídeo “Entrevista” do grupo Porta dos Fundos.(3:52)
- Discussão.

RECURSOS:

- Cópias dos roteiros dos vídeos do grupo Porta dos Fundos.
- Audiovisual.

AVALIAÇÃO

- Participação/comportamento em sala.
- Leitura.

BIBLIOGRAFIA:

- FUNDOS, Portas dos. **Porta dos Fundos**; Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I: 2013.2

Professora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Professora regente da turma: Ana Carolina França de Oliveira

Estagiário responsável pela aula: Felipe José Martins Pereira

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 6º ano

Plano de aula

AULA 3: segundo encontro – expositiva (quarta-feira – 09/10/2013_8h30 às 9h15)

TEMA:

- Roteiro: o gênero.

OBJETIVOS:

- Apresentar conceitos básicos do gênero baseado na literatura especializada no tema.
- Estabelecer diferenças entre os tipos de roteiro e a partir desse eixo demarcar as características do roteiro de vídeo para internet.

CONTEÚDO:

- Os conceitos chave do roteiro cinematográfico apresentados pelo roteirista e teórico do gênero Syd Field.

METODOLOGIA:

- Distribuição das cópias do roteiro para filme publicitário “Leds”, ainda na sala de vídeo.
- Leitura silenciosa do roteiro publicitário “Leds”.
- Leitura oral do roteiro publicitário “Leds”.
- Apresentação do vídeo publicitário “Leds”.
- Retorno para a sala de aula seguido pela exposição no quadro dos elementos fundamentais para a construção de um roteiro cinematográfico segundo a teoria de Syd Field: assunto; personagem; construção de um personagem; criação de um personagem; apresentação; sequência (início, meio e fim); ponto de virada; cena; construção do roteiro; produção do roteiro e forma do roteiro.
- No quadro, dissecação desses elementos que formam o corpo de um roteiro cinematográfico.
- Distribuição das cópias dos trechos de roteiros cinematográficos.
- Leitura silenciosa dos trechos de roteiros cinematográficos.
- Leitura oral dos trechos de roteiros cinematográficos.
- Identificação nos roteiros, dos elementos apontados pela teoria de Syd Field.

RECURSOS:

- Cópias dos trechos de roteiros cinematográficos e dos roteiros publicitários.
- Audiovisual.
- Quadro-negro.

AVALIAÇÃO

- Participação/comportamento em sala.
- Leitura.

BIBLIOGRAFIA:

- FIELD, Syd. **Manual do roteiro**: os fundamentos do texto cinematográfico. Rio de Janeiro (RJ): Objetiva, 2001. 223p.
- BARRETO, Tiago. **Vende-se em 30 segundos**: manual do roteiro para filme publicitário. São Paulo (SP): SENAC São Paulo, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I: 2013.2

Professora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Professora regente da turma: Ana Carolina França de Oliveira

Estagiário responsável pela aula: Felipe José Martins Pereira

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 6º ano

Plano de aula

AULA 4: terceiro encontro (quinta-feira – 10/10/2013_11h às 11h45)

TEMA:

- Roteiro para filme publicitário

OBJETIVOS:

- Passar para os alunos as experiências relatadas pelo publicitário Tiago Barreto estabelecendo uma relação com os conceitos apresentados anteriormente pela teoria de Syd Field.

CONTEÚDO:

- Os conceitos chave do roteiro para filme publicitário apresentados pelo publicitário, roteirista de publicidade e teórico do gênero Tiago Barreto.

METODOLOGIA

- Levar os alunos para a sala de vídeo.
- Distribuição das cópias do roteiro publicitário “Ambulância”, desenvolvido pela agência Talent (cliente: postos Ipiranga).
- Leitura silenciosa do roteiro publicitário “Ambulância”.
- Leitura oral do roteiro publicitário “Ambulância”.
- Apresentação do vídeo “Ambulância”, desenvolvido pela agência Talent (cliente: postos Ipiranga). (0:31)
- Discussão sobre o conceito de CONFLITO para Tiago Barreto.
- Apresentação do vídeo “Hitler”, desenvolvido pela agência W/GGK (cliente: Folha de São Paulo). (1:00)
- Discussão sobre o conceito de PONTO DE VIRADA para Tiago Barreto.
- Distribuição das cópias do roteiro publicitário “Hitler”, desenvolvido pela agência W/GGK (cliente: Folha de São Paulo).
- Leitura silenciosa do roteiro publicitário “Hitler”.
- Leitura oral do roteiro publicitário “Hitler”.
- Falar um pouco sobre o conceito de PERSONAGENS, para Tiago Barreto.
- Apresentação, na tela do computador, do quadro de características básicas dos PERSONAGENS proposto por Ben Brady.

- Falar um pouco sobre o conceito de CENA, para Tiago Barreto. (roteiros que podem ter uma ou várias cenas).
- Distribuição das cópias do roteiro publicitário “Skol – pedidas”, desenvolvido pela agência F/Nazca Saatchi & Saatchi (cliente: Skol).
- Leitura silenciosa do roteiro publicitário “Skol – pedidas”.
- Leitura oral do roteiro publicitário “Skol – pedidas”.
- Apresentação do vídeo “Skol – pedidas”, desenvolvido pela agência F/Nazca Saatchi & Saatchi (cliente: Skol). (0:31)
- Perguntar se ficou clara a percepção de que no vídeo de 30 segundos havia várias cenas.
- Apresentação do vídeo “Paulo Francis”, desenvolvido pela agência W/Brasil (cliente: Folha de São Paulo). (0:16)
- Leitura silenciosa do roteiro publicitário “Paulo Francis”.
- Leitura oral do roteiro publicitário “Paulo Francis”.
- Perguntar se ficou clara a percepção de que no vídeo de 30 segundos havia somente uma cena (a mesma coisa ocorre no vídeo “Hitler”).
- Leitura silenciosa do roteiro publicitário “Pesadelo”.
- Leitura oral do roteiro publicitário “Pesadelo”.
- Apresentação do vídeo “Pesadelo”, desenvolvido pela agência Duda Propaganda (cliente: Ambev). (0:30)
- Discussão sobre o conceito de LOCALIZAÇÃO para Tiago Barreto.
- Apresentação do vídeo “Brócolis”, desenvolvido pela agência F/Nazca Saatchi & Saatchi (cliente: Sustagem). (0:30)
- Leitura silenciosa do roteiro publicitário “Brócolis”.
- Leitura oral do roteiro “Brócolis”.
- Discussão sobre o conceito de DIÁLOGO para Tiago Barreto.
- Leitura silenciosa do roteiro publicitário “Wilson”.
- Leitura oral do roteiro publicitário “Wilson”.
- Apresentação do vídeo “Wilson”, desenvolvido pela agência Lew Lara (cliente: Nokia). (1:00)
- Discussão sobre o conceito de NARRADOR para Tiago Barreto.
- Apresentação do vídeo “Dois vistos”, desenvolvido pela agência Almap/BBDO (cliente: Volkswagen). (0:31)
- Discussão sobre o conceito de LOCUÇÃO para Tiago Barreto, a partir do roteiro.
- Leitura silenciosa do roteiro publicitário “Dois vistos”.
- Leitura oral do roteiro publicitário “Dois vistos”.
- Apresentação do vídeo “Cachorro”, desenvolvido pela agência Almap/BBDO (cliente: Mizuno). (0:30)
- Discussão sobre o conceito de FLASHBACK para Tiago Barreto.
- Leitura silenciosa do roteiro publicitário “Cachorro”.
- Leitura oral do roteiro publicitário “Cachorro”.
- Voltar para a sala de aula com os alunos.
- Exposição no quadro de um aprofundamento dos conceitos básicos do roteiro publicitário, vistos superficialmente na aula anterior em contraste com o roteiro

de vídeo para internet; dissecação dos elementos que formam o corpo de um roteiro publicitário: GÊNEROS; A IDEIA; ESTRUTURA; CONFLITO/PLOT; PONTO DE VIRADA; SOLUÇÃO; PERSONAGENS; CENA; LOCALIZAÇÃO; DIÁLOGOS; NARRADOR; LOCUÇÃO; LETTERING; TEMPO; FLASHBACK.

RECURSOS:

- Cópias de roteiros publicitários.
- Quadro.
- Audiovisual.

AVALIAÇÃO

- Participação/comportamento em sala.
- Leitura.

BIBLIOGRAFIA:

- BARRETO, Tiago. **Vende-se em 30 segundos**: manual do roteiro para filme publicitário. São Paulo (SP): SENAC São Paulo, 2004.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I: 2013.2
Professora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
Professora regente da turma: Ana Carolina França de Oliveira
Estagiário responsável pela aula: Felipe José Martins Pereira
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 6º ano

Plano de aula

AULA 5 e 6: quarto encontro (quarta-feira – 16/10/2013_7h45 às 9h15)

TEMA:

- Produção textual

OBJETIVOS:

- Produzir individualmente um roteiro para vídeo de internet de duração máxima de 3 minutos ou um para filme publicitário com duração máxima de 30 segundos, com o tema "educação/falta de educação". Nenhum dos títulos dos roteiros deverá necessariamente se referir de maneira direta ao tema.

METODOLOGIA:

- Individualmente, em sua própria carteira, o aluno receberá uma folha de papel almaço.
- Dentro dos limites determinados pelo tema, cada aluno terá que desenvolver a sua própria narrativa.

- O texto poderá ter um tom cômico, dramático, político, ou propor uma mescla desses tons. Nesse sentido não há restrição.

RECURSOS:

- Folhas de papel almaço.

AVALIAÇÃO

- Participação/comportamento em sala.
- Produção textual.

BIBLIOGRAFIA:

- GERALDI, João Wanderley. **Da redação à produção de textos** In: **Aprender e ensinar com textos de alunos**. 4ª edição, São Paulo (SP): Cortez, 2001.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I: 2013.2

Professora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Professora regente da turma: Ana Carolina França de Oliveira

Estagiário responsável pela aula: Felipe José Martins Pereira

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 6º ano

Plano de aula

AULA 7: quinto encontro (quinta-feira – 17/10/2013_11h às 11h45)

TEMA:

- Análise e reescrita.

OBJETIVOS:

- Analisar junto com os alunos, as principais dificuldades encontradas durante a produção do texto para propor soluções que contribuam para o processo de reescrita.
- Contribuir para que os alunos alcancem eficiência no processo de reescrita do texto.

METODOLOGIA:

- Os textos recolhidos no encontro anterior para serem corrigidos serão devolvidos aos alunos para que eles possam identificar as inadequações apontadas. (3 min)
- Dedicar um tempo para apresentar no quadro algumas soluções para os principais erros que venham a ser detectados durante as correções. (5 min)
- Dispor aos alunos outra porção de tempo para que novas questões possam ser levantadas. (3 min)
- Novas folhas serão distribuídas para cada um dos alunos. (2 min)

- A partir desse momento eles poderão escrever uma nova versão do texto. (30 min)
- Recolher as atividades

RECURSOS:

- Quadro-negro.
- Textos corrigidos.
- Folhas de papel almaço.

AVALIAÇÃO:

- Participação/comportamento em sala.
- Atitude para expor dificuldades.
- Reescrita.

BIBLIOGRAFIA:

- FIAD, Raquel Salek. **Reescrita de textos: uma prática social e escolar.** Revista Organon, Porto Alegre, nº 46, janeiro-junho de 2009, p. 147-159.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I: 2013.2

Professora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Professora regente da turma: Ana Carolina França de Oliveira

Estagiário responsável pela aula: Felipe José Martins Pereira

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 6º ano

Plano de aula

AULA 8: sexto encontro – (terça-feira – 22/10/2013_9h15 às 10h)

TEMA:

- Socialização (leitura dos roteiros produzidos pelos alunos).

OBJETIVOS:

- Evidenciar a possibilidade da produção textual por parte dos alunos do gênero roteiro

METODOLOGIA:

- Caso haja colaboração, seria o caso de organizar a turma em um círculo.
- Os textos já devidamente avaliados deverão ser devolvidos para os alunos.
- Os alunos deverão ler em voz alta e conseqüentemente deverão interpretar o seu próprio texto.

AVALIAÇÃO:

- Participação/comportamento em sala.
- Leitura e interpretação.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I: 2013.2

Professora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Professora regente da turma: Ana Carolina França de Oliveira

Estagiário responsável pela aula: Letícia Salazar Moretto

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 6º ano

Plano de aula

AULAS 9 e 10: sétimo encontro (quarta-feira – 23/10/2013_7h45 às 9h15min)

TEMA: CURTA-METRAGEM BASEADO EM CONTO

OBJETIVOS:

- Entender a diferença entre conto e linguagem cinematográfica
- Compreender a diferença entre roteiro e conto

CONHECIMENTOS ABORDADOS:

- Conto

METODOLOGIA:

- Apresentação do programa das oito aulas seguintes.
- Preparação para a entrega do conto: será explicado aos alunos que hoje vamos ler um texto que serviu de base para um curta-metragem, mas esse texto não é um roteiro, e sim um conto. O roteiro foi elaborado posteriormente.
- Distribuição do conto Galinha ao Molho Pardo, de Fernando Sabino.
- Leitura em voz alta do conto (cada aluno lerá um parágrafo).
- Pequena discussão sobre o conto: se entenderam, gostaram, palavras desconhecidas, etc.
- Encaminhamento dos alunos à sala de vídeo.
- Assistir ao curta metragem Galinha ao Molho Pardo, dirigido por Feli Coelho (8 min).
- Breve discussão oral relativa ao curta: o que os alunos entenderam, se gostaram, se gostam de galinha, de comer galinha, que tipo de adaptações/modificações foram feitas para se adequar à linguagem cinematográfica?, quais diferenças podem anotadas entre os roteiros lidos com o estagiário Felipe e o conto lido nesta aula? (5 min).

RECURSOS:

- Audiovisual
- Cópia dos contos

AVALIAÇÃO:

- Participação nas discussões e na leitura

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

http://portacurtas.org.br/filme/?name=galinha_ao_molho_pardo

SABINO, Fernando. *O menino no espelho*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

ANEXOS:

Galinha ao Molho Pardo

AO CHEGAR da escola, dei com a novidade: uma galinha no quintal.

O quintal de nossa casa era grande, mas não tinha galinheiro, como quase toda casa de Belo Horizonte naquele tempo. Tinha era uma porção de árvores: um pé de manga sapatinho, outro de manga coração-de-boi, um pé de gabioba, um de goiaba branca, outro de goiaba vermelha, um pé de abacate e até um pé de fruta-de-conde. No fundo, junto do muro, um bambuzal. De um lado, o barracão com o quarto da Alzira cozinheira e um quartinho de despejo. Do outro lado, uma caixa de madeira grande como um canteiro, cheia de areia que papai botou lá para nós brincarmos. Eu brincava de fazer túnel, de guerra com soldadinhos de chumbo, trincheira e tudo. Deixei de brincar ali quando começaram a aparecer na areia uns montinhos fedorentos de cocô de gato. Os gatos quase nunca apareciam, a não ser de noite, quando a gente estava dormindo. De dia se escondiam pelos telhados. Tinham medo de Hindemburgo, que era mesmo de meter medo, um pastor alemão deste tamanho. Não sabiam que Hindemburgo é que tinha medo deles. Cachorro com medo de gato: coisa que nunca se viu. Quando via um gato, Hindemburgo metia o rabo entre as pernas e fugia correndo.

Pois foi no quintal que eu vi a galinha, toda folgada, ciscando na caixa de areia. Havia sido comprada por minha mãe para o almoço de domingo: Dr. Junqueira ia almoçar em casa e ela resolveu fazer galinha ao molho pardo.

Eu já tinha visto a Alzira matar galinha, uma coisa horrível. Agarrava a coitada pelo pescoço, agachava, apertava o corpo dela entre os joelhos, torcia com a mão esquerda a cabecinha assim para um lado, e com a direita, zapt! passava o facão afiado, abrindo um talho no gogó. O sangue esguichava longe. Ela aparava logo o esguicho com uma bacia, deixando que escorresse ali dentro até acabar. E a bichinha ainda viva, estrebuchando nas mãos da malvada.

Como se fosse a coisa mais natural deste mundo, a Alzira me contou o que ia acontecer com a nova galinha.

Revoltado, resolvi salvá-la.

Eu sabia que o Dr. Junqueira era importante, meu pai dependia dele para uns negócios. Pois no que dependesse de mim, no domingo ele ia poder comer de tudo, menos galinha ao molho pardo.

Era uma galinha branca e gorda, que não me deu muito trabalho para pegar. Foi só correr atrás dela um pouco, ficou logo cansada. Agachou-se no canto do muro, me olhou de lado como as galinhas olham e se deixou apanhar.

Não sei se percebeu que eu não ia lhe fazer mal. Pelo contrário, eu pretendia salvar a sua vida.

O certo é que em poucos minutos ficou minha amiga, não fugiu mais de mim.

— O seu nome é Fernanda — falei então. E joguei um pouquinho de água na cabecinha dela:

— Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém.

Assim que escureceu, ela se empoleirou muito fagueira num galho da goiabeira, enfiou a cabeça debaixo da asa e dormiu. Então eu entendi por que dizem que quem vai para a cama cedo dorme com as galinhas.

NO DIA seguinte era sábado, não tinha aula. Passei o tempo inteiro brincando com ela. Levei horas lhe ensinando a responder sim e não com a cabeça:

— Você sabe o que eles estão querendo fazer com você, Fernanda?

Ela mexia a cabecinha para os lados, dizendo que não.

— Pois nem queira saber. Cuidado com a Alzira, aquela magrela de pernas compridas. É a nossa cozinheira. Ruim que só ela. Não deixa a Alzira nem chegar perto de você.

Ela mexia com a cabecinha para cima e para baixo, dizendo que sim.

— Estão querendo matar você para comer. Com molho pardo.

Os olhinhos dela piscaram de susto. O corpo estremeceu e ali mesmo, na hora, ela botou um ovo. De puro medo.

— Mas eu não vou deixar — procurei tranqüilizá-la, apanhando o ovo com cuidado, para enterrar na areia depois e ver se nascia pinto.

E acrescentei:

— Hoje não precisa de ter medo, que o perigo todo vai ser amanhã.

Eu sabia que para fazer galinha ao molho pardo tinham de matar quase na hora, por causa do sangue, que era aproveitado para preparar o molho.

— Vou esconder você num lugar que ninguém é capaz de descobrir.

Junto do tanque de lavar roupa costumava ficar uma bacia grande de enxaguar. A Maria lavadeira só ia voltar na segunda-feira. Antes disso ninguém ia mexer naquela bacia.

Assim que escureceu, escondi a Fernanda debaixo dela. Fiquei com pena de deixar a coitada ali sozinha:

— Você se importa de ficar ai debaixo até passar o perigo?

Ela fez com a cabeça que não.

— Então fica bem quietinha e não canta nem cacareja nem nada. Principalmente se ouvir alguém andando aqui fora.

Ela fez com a cabeça que sim.

— Amanhã, assim que puder eu volto. Dorme bem, Fernanda.

Naquela noite, para que ninguém desconfiasse, jantei mais cedo e fui dormir com as galinhas.

NA MANHÃ de domingo me levantei bem cedo e fui dar uma espiada na Fernanda. Encontrei a pobrezinha mais morta do que viva debaixo da bacia. Mais um pouco e nem ia ser preciso a Alzira usar o facão. Não sei se por falta de ar, por causa da fome, da sede ou de tudo isto junto: ela estava deitada de bico aberto e os olhos meio fechados de quem já desistiu de viver.

Água era fácil, eu trouxe um pouco numa tigelinha, despejei pelo bico adentro e ela se reanimou.

Mas como arranjar comida sem chamar a atenção de ninguém? Ainda não tinham notado a falta da galinha, nem mesmo pensado em trazer alguma coisa para ela comer. Que diferença fazia? Se ia ser comida naquele dia mesmo?

O jeito foi furtar um pouco do milho do Godofredo, que no seu poleiro, correntinha presa no pé, acompanhava tudo com ar intrigado. A galinha come milho e o papagaio leva a fama! — ele parecia dizer. No que tirei o milho, disparou a berrar:

— Socorro! Socorro! Pega ladrão!

O diabo do papagaio não gostava de mim, eu sabia. Era do Toninho, meu irmão, a quem dava o pé, todo lampeiro, e ainda abaixava a cabecinha para um cafuné. Ai de mim, se quisesse fazer o mesmo: me pespegava uma bicada na mão.

— Cala a boca, Godofredo.

— Cala a boca já morreu! Quem manda aqui sou eu!

Joguei na cara dele o resto da água da tigelinha:

— Toma, seu desgraçado, para você aprender.

— Socorro! Socorro! Pega ladrão! — berrava ele, batendo as asas.

Tamanho foi o escarcéu que o Godofredo aprontou, que acabou caindo do poleiro e fitou de pendurado pelo pé. Foi o tempo de esconder a Fernanda debaixo da bacia e me escafeder correndo pelo porão adentro. A Alzira já batia os chinelos escada abaixo com suas pernas compridas, faca na mão, à procura da galinha. Ao ouvir aquele berreiro, veio ver o que estava acontecendo:

— Que é que esse bicho tem? Não fala nada que preste e de repente destampa essa gritaria toda!

O papagaio tentava com muito esforço voltar ao poleiro, subindo com a ajuda do bico pela própria correntinha e se balançando de um lado para outro. Olhava com raiva para a cozinheira, como a dizer: essa miserável nem para me dar uma mãozinha. Ela também não achava lá muita graça no Godofredo. Dizia que ele não servia para nada, só sabia sujar de titica o chão todo debaixo do poleiro, e ela é que tinha de limpar.

— Que é que você quer, coisa ruim? Quem é que é ladrão?

O bicho tinha conseguido com muita dificuldade empoleirar-se de novo, depois de despencar algumas vezes.

Ofegante, entortou a cabecinha e encarou a cozinheira:

— Sua galinha! Sua galinha!

O Godofredo já havia xingado a Alzira de nomes feios, de modo que ela achou desaforo ser chamada de galinha. E respondeu no mesmo tom, brandindo o facão para o papagaio:

— Galinha é você! Galinha verde!

Lá do fundo escuro do porão, onde tinha ido me esconder, vi a Alzira olhar ao redor:

— Por falar nisso, onde é que se meteu a galinha?

Apavorado, ouvi o Godofredo gritar, com sua voz de currupaco-papaco:

— Na bacia! Na bacia!

Além do mais, era delator, o miserável. Dedo-duro, traidor, entregava ao carrasco o seu próprio semelhante (ou quase). Antes que fosse tarde, saí do meu esconderijo lá no porão, como quem não quer nada, vim me sentar na própria bacia.

— Uai, que é que você estava fazendo ali escondido, Fernando?

— Nada não...

A cozinheira me olhava com ar de suspeita:

— Boa coisa é que não há de ser. Alguma esse menino anda arrumando, com esse ar de cachorro que quebrou a panela.

— Na bacia! Na bacia! — o Godofredo berrava.

— Cala essa boca, seu filhote de urubu! — gritei.

— Na bacia! Na bacia! — ele continuava.

— Que é que esse tagarela está falando? — perguntou a Alzira.

— Está te chamando de nabacinha.

— Nabacinha? Que quer dizer isso?

— Quer dizer vagabunda — respondi, a cara mais séria deste mundo.

A Alzira arregalou os olhos, ergueu no ar o facão:

— Vagabunda? Está me chamando de vagabunda? Nabacinho é você, seu bicho ordinário! Não sei onde estou que não te corto o pescoço, asso no espeto e como, ouviu? E ainda chupo os ossinhos um por um!

Ela correu de novo os olhos em torno:

— Por falar em comer: quede a galinha? Já está na hora de fazer o almoço. Onde é que ela se meteu?

— Não sei...

— Você não estava brincando com ela ontem, menino?

— Isso foi ontem. Hoje eu não vi ela ainda

— Será que fugiu? Ou alguém roubou?

E ela olhou para o papagaio, cismada agora com o silêncio dele:

— Vai ver que é por isso que esse nabacinho de uma figa estava gritando pega ladrão. Algum ladrão de galinha.

Agarrei a idéia no ar, era a salvação:

— Isso mesmo! Quando eu estava ali no quintal vi um homem passar correndo... Levava uma coisa escondida embaixo do paletó. Só podia ser a galinha.

A Alzira não parecia acreditar muito na história. Pelo contrário, ficou mais desconfiada. E naquele exato momento a Fernanda resolve se mexer debaixo da bacia, fazendo um barulhinho na lata com o bico e com os pés. Continuei sentado e, para disfarçar,

comecei a bater com os dedos na bacia como se tocasse tambor. A galinha deve ter entendido, pois logo ficou quieta. Mas a Alzira continuava com ar de desconfiança:

— Esse menino está com um jeito muito velhaco. Sei não... Alguma ele andou fazendo.

E saiu pelo quintal, à procura da galinha, olhando aqui e ali: nos galhos das árvores, atrás do barracão, no meio dos bambus. Depois foi contar para mamãe que a galinha havia sumido.

Fui atrás, para o que desse e viesse. Escutei tudo. Mamãe torcia as mãos:

— E agora, como vai ser? Como é que ela foi sumir assim, sem mais nem menos?

— Sei lá — respondeu a Alzira: — Não acredito que tenham roubado, como diz o Fernando. Vai ver que saiu voando e pulou o muro. Bem que eu pensei em cortar as asas dela e me esqueci.

Agora é tarde.

E a cozinheira me apontou:

— Para mim, a gente anda precisando de cortar as asas é desse menino.

— Está quase na hora do almoço — disse minha mãe: — O Dr. Junqueira está para chegar de uma hora para outra, e como é que a gente vai fazer sem a galinha? O Domingos vai ficar aborrecido.

Dali a pouco era o meu pai quem chegava da rua, trazendo o jornal de domingo debaixo do braço. Quando mamãe lhe deu a triste notícia, para surpresa minha e dela, ele não se aborreceu:

— Faz outra coisa. Macarrão, por exemplo. O Dr. Junqueira é bem capaz de gostar de macarrão.

E foi ler o jornal na varanda.

Filho de italiano, quem gostava de macarrão era ele. E da macarronada que a Alzira fazia todo mundo gostava.

Pois o Dr. Junqueira não só gostou, como repetiu duas vezes, para grande satisfação de mamãe. Papai abriu uma garrafa de vinho daquelas de cestinha de palha, e os dois a esvaziaram, depois de dar um pouquinho para mim e meus irmãos, com água e açúcar.

Guardanapo enfiado no colarinho, o Dr. Junqueira limpou os bigodes, satisfeito:

— Ainda bem que era essa macarronada tão boa. Eu estava com medo que fosse galinha. Se tem uma coisa que eu detesto é galinha. Principalmente ao molho pardo.

O menino no espelho. Rio de Janeiro: Record, 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I: 2013.2

Professora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Professora regente da turma: Ana Carolina França de Oliveira

Estagiário responsável pela aula: Letícia Salazar Moretto

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 6º ano

Plano de aula

Aula 11: oitavo encontro (quinta-feira – 24/10/2013_11h00 às 11h45)

TEMA: CONTOS

OBJETIVOS:

- Interpretar criticamente um texto

CONHECIMENTOS ABORDADOS:

Conto

METODOLOGIA:

- Breve retomada do que foi visto na aula anterior
- Distribuição do conto A Decadência do Ocidente, de Luís Fernando Veríssimo
- Leitura em voz alta do conto
- Pequena discussão sobre o conto: palavras desconhecidas, razão de ser do título, se os alunos já viram galinhas vivas, etc.
- Distribuição do questionário em anexo
- Leitura em voz alta do questionário
- Solução de dúvidas referentes às questões
- Os alunos serão orientados a não procurar as respostas “corretas”, mas preocupar-se com a argumentação.
- Solução do questionário, individual, por escrito e que deverá ser entregue para a estagiária ao seu término.

RECURSOS:

- Cópia do conto A Decadência do Ocidente, de Luís Fernando Veríssimo
- Cópia do questionário anexo

AVALIAÇÃO:

- Participação nas discussões
- Resposta ao questionário

BIBLIOGRAFIA:

VERÍSSIMO, Luís Fernando. A mãe de Freud. Porto Alegre, LP&M, 1985, pp. 21-22.

ANEXOS:

A decadência do ocidente

O doutor ganhou uma galinha viva e chegou em casa com ela, para a alegria de toda a família. O filho mais moço, inclusive, nunca tinha visto uma galinha viva de perto. Já tinha até um nome para ela – Margarete – planos para adotá-la, enquanto ouvia do pai que a galinha seria, obviamente, comida.

– Comida?!

– Sim, senhor.

– Mas se come ela?

– Ué. Você está cansado de comer galinha.

– Mas a galinha que a gente come é igual a esta aqui?

– Claro.

Na verdade o guri gostava muito de peito, de coxa, de asa, mas nunca tinha ligado as partes do animal. Ainda mais aquele animal vivo ali no meio do apartamento.

O doutor disse que queria a galinha ao molho pardo. Há anos que não comia uma galinha ao molho pardo. A empregada sabia como se preparava uma galinha ao molho pardo? A mulher foi consultar a empregada. Dali a pouco o doutor ouviu um grito de horror vindo da cozinha.

Depois veio a mulher dizer que ele esquecesse a galinha ao molho pardo.

– A empregada não sabe fazer?

– Não só não sabe fazer, como quase desmaiou quando eu disse que precisava cortar o pescoço da galinha. Nunca cortou um pescoço de galinha.

Era o cúmulo. Então a mulher que cortasse o pescoço da galinha.

– Eu?! Não mesmo!

O doutor lembrou-se de uma velha empregada de sua mãe. A dona Noca. Não só cortava pescoços de galinhas, como fazia isto com uma certa alegria assassina. A solução era a dona Noca.

– A dona Noca já morreu – disse a mulher.

– O quê?!

– Há dez anos.

- Não é possível! A última galinha ao molho pardo que comi foi feita por ela.
- Então faz mais de dez anos que você não come galinha ao molho pardo.

Alguém no edifício se disporia a degolar a galinha. Fizeram uma rápida enquête entre os vizinhos. Ninguém se animava a cortar o pescoço da galinha. Nem o Rogerinho do 701, que fazia coisas inomináveis com os gatos.

- Somos uma civilização de frouxos! – sentenciou o doutor.

Foi para o poço do edifício e repetiu:

- Frouxos! Perdemos o contato com o barro da vida!

E a Margarete só olhando.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. A mãe de Freud. Porto Alegre, LP&M, 1985, pp. 21-22.

Questionário a ser aplicado aos alunos

1. Faça um breve resumo do conto Galinha ao Molho Pardo, de Fernando Sabino.
2. Faça um breve resumo do conto A Decadência do Ocidente, de Luís Fernando Veríssimo.
3. Explique com suas palavras o que quer dizer que “A dona Noca. Não só cortava pescoços de galinhas, como fazia isto com uma certa alegria assassina”, no conto “A Decadência do Ocidente”. Você acha que Alzira, do conto “Galinha ao Molho Pardo”, também sentia alegria assassina em matar galinhas?
4. Cite semelhanças e diferenças entre o menino Fernando e o filho mais moço do doutor do conto A decadência do Ocidente.
5. Você acha certo o Fernando ter escondido a galinha dos seus pais? Por quê? O que você faria no lugar dele?
6. Qual dos dois textos você mais gostou? Por quê?

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I: 2013.2

Professora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Professora regente da turma: Ana Carolina França de Oliveira

Estagiário responsável pela aula: Letícia Salazar Moretto

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 6º ano

Plano de aula

TEMA: Características do gênero conto

OBJETIVOS:

- Identificar o gênero conto

CONHECIMENTOS ABORDADOS:

- Características do gênero Conto

METODOLOGIA:

- Leitura coletiva do conto O Galo, de Artur Azevedo.
- Aula expositiva sobre as características do gênero conto, das quais serão salientadas as seguintes: narrativa curta, com um mínimo de personagens, com um único acontecimento, com início, meio e fim. O autor tem sempre em mente o desfecho pretendido e o efeito que deseja causar no leitor.
- A cada característica, será solicitado aos alunos que a localizem no texto lido e anotem na própria folha.
- Ao final da aula, solicitar que os alunos escolham um animal e pesquisem na internet, em revistas, jornais, livros algumas características sobre o referido animal ou histórias sobre, para trazerem na aula seguinte .

RECURSOS:

- Quadro-negro, em que serão expostos exemplos do gênero
- Cópia do conto O Galo, de Artur Azevedo.

AVALIAÇÃO:

BIBLIOGRAFIA:

AZEVEDO, Artur. O Galo. Disponível em: <
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=7483>. Acesso em 26 set. 2013.

GOTLIB, Nadia Battella. *Teoria do Conto*. São Paulo, Ática, 2006.

ANEXOS:

O GALO

Artur Azevedo

A cena passa-se na roça, a uma légua da estação menos importante da Estrada de Ferro Leopoldina, lugarejo sem denominação geográfica, mas que pertence ao município do Rio Bonito, e aqui o digo, para que os leitores não suponham que estou inventando uma historieta.

Havia no lugarejo em questão uma palhoça habitada por dois roceiros, marido e mulher, que todos os domingos iam à povoação mais próxima vender os produtos da sua

pequena roça e ouvir missa. Assim atamancavam eles a vida, pedindo a Deus que não lhes desse muita fazenda mas lhes conservasse a saúde.

Ora, um belo dia a saúde desapareceu: o marido, apesar de ter a resistência de um touro, foi para a cama atacado por umas cólicas terríveis, que o faziam ver estrelas.

A mulher, coitada!, estava sem saber o que fizesse, pois que já havia em vão experimentado todas as mesinhas caseiras, quando ali passou por acaso, ao trote do seu jumento, o Dr. Marcolino, que exercia a medicina ambulante numa zona de muitas léguas. A roceira agradeceu a Providência que lhe enviava o doutor e pediu a este que examinasse o doente e o pusesse bom o mais baratinho que lhe fosse possível.

O Dr. Marcolino apeou-se, entrou na palhoça, examinou o enfermo, auscultou-o, martelou-lhe o corpo inteiro com o nó do dedo grande e explicou a moléstia com palavras difíceis que aquela pobre gente não entendeu. Depois, abriu o saco de viagem que levava à garupa do animal, tirou alguns vidros, de cujo conteúdo derramou algumas gotas num copo d'água, e disse doutoralmente:

- Aqui fica esta poção para ser tomada de três em três horas.
- Ah! seu doutor, nós aqui não podemos contar as horas, porque não temos relógio!
- Regulem-se pelo sol. O sol é um excelente relógio quando não chove e o tempo está seguro.
- Não sei disso, seu doutor, não entendo do relógio do sol...
- Nesse caso não sei como... Ah!...

Este *ah!*, com que o doutor interrompeu o que ia dizendo, foi produzido pela presença de um galo que passava no terreiro, majestosamente.

- Ali está um relógio, continuou o doutor: aquele galo. Todas as vezes que ele cantar, dê-lhe uma colher do remédio. E adeus! Não será nada: Depois de amanhã voltarei para ver o doente.

Foi-se o médico, e daí a dois dias voltou ao trote do seu jumento.

Quem o recebeu foi o marido:

- Que é isto?... já de pé...
- Sim, senhor: estou completamente bom, não tenho mais nada. E não sei como agradecer...

Mas a mulher interveio com ar magoado:

- Sim, ele não tem mais nada, mas o pobre galo morreu.
- Morreu? Por quê?
- Não sei, doutor... ele bebeu todo o remédio.

- Quem?... o galo?...

- Sim, senhor; todas as vezes que ele cantava, eu, segundo a recomendação do doutor, abria-lhe o bico, e derramava-lhe uma colher da droga pela goela abaixo!

Que pena! Era um galo tão bonito!

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I: 2013.2

Professora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Professora regente da turma: Ana Carolina França de Oliveira

Estagiário responsável pela aula: Letícia Salazar Moretto

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 6º ano

Plano de aula

Aulas 13 e 14: décimo encontro (quarta-feira– 30/10/2013_7h45 às 9h15)

TEMA: Conto

OBJETIVOS:

- Produzir um conto com o tema “animais”

CONHECIMENTOS ABORDADOS:

- Produção do gênero conto

METODOLOGIA:

- Chamada.
- Verificação de quem trouxe a pesquisa pedida.
- Resgate do tema dos contos estudados nas aulas anteriores: galinha é um animal de estimação?
- Socialização dos dados trazidos, bem como breve discussão sobre animais de estimação: quem tem, quem já teve, quem gostaria de ter, quem não gosta de bichos, etc.
- Sistematização, no quadro, dos dados trazidos
- Proposição da produção de um conto sobre o tema “animais”
- Os alunos serão orientados a preocuparem-se com o tema, considerando correção gramatical secundário, na primeira versão.
- Após a finalização do rascunho do texto, os alunos serão orientados a reescrevê-lo observando questões gramaticais, com o auxílio da estagiária e de dicionários e gramáticas que ficarão disponíveis na sala para consulta.
- Ao final da aula, o texto deve ser entregue à estagiária.

RECURSOS:

- Quadro-negro.
- Gramáticas e Dicionários.

AVALIAÇÃO:

- Produção escrita de conto, na qual serão avaliados: adequação ao tema, fidelidade ao gênero conto, coerência, sequência.

BIBLIOGRAFIA:

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1991.

XIMENES, Sérgio. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ediouro, 2000.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I: 2013.2

Professora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Professora regente da turma: Ana Carolina França de Oliveira

Estagiário responsável pela aula: Letícia Salazar Moretto

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 6º ano

Plano de aula

Aula 15: décimo primeiro encontro (quinta-feira – 31/10/2013_11h às 11h45)

TEMA: Análise linguística

OBJETIVOS:

- Reescrever o conto produzido na aula anterior

CONHECIMENTOS ABORDADOS:

- Características do gênero conto
- Análise linguística
- Revisão de texto

METODOLOGIA:

- Os alunos serão orientados de que a atividade a seguir não tem como objetivo depreciar ninguém, e que erros são normais no processo de aprendizagem.
- Esclarecer para os alunos que há profissionais revisores de textos, e que todos os textos veiculados na mídia passam por este processo de correção.
- Serão passados no quadro trechos dos textos dos alunos e eles próprios serão incentivados a identificar o problema e propor soluções.

- Posteriormente, serão observadas questões gramaticais, deixando-se claro que, embora da primeira versão essas questões não tenham sido cobradas, elas o serão na versão definitiva.

RECURSOS:

- Datashow ou quadro-negro
- Textos dos alunos
- Dicionários e gramáticas

AValiação:

- Participação na discussão

BIBLIOGRAFIA:

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1991.

XIMENES, Sérgio. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ediouro, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I: 2013.2

Professora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Professora regente da turma: Ana Carolina França de Oliveira

Estagiário responsável pela aula: Letícia Salazar Moretto

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 6º ano

Plano de aula

Aula 16: décimo segundo encontro (terça-feira – 5/11/2013_9h15 às 10h)

TEMA: Conto

OBJETIVOS:

- Reescrever o conto produzido em aulas anteriores

CONHECIMENTOS ABORDADOS:

- Características do gênero conto.
- Análise linguística.
- Revisão de texto.

METODOLOGIA:

- Serão redistribuídos os contos produzidos pelos alunos.

- Os alunos serão incentivados a reescrever esses textos, observando o conteúdo discutido na aula anterior e com possibilidade de consulta a dicionários, que serão disponibilizados na sala.
- Os alunos receberão folhas especiais para redigirem a versão final, que será exposta em varal literário no dia em que for feito o extraclasse.
- As versões finais serão entregues à estagiária para avaliação.

RECURSOS:

- Textos dos alunos
- Dicionários

AVALIAÇÃO:

- Texto entregue em aula, do qual serão observados, além dos itens observados na correção da primeira versão, a correção gramatical e o vocabulário

BIBLIOGRAFIA:

XIMENES, Sérgio. Minidicionário da Língua Portuguesa. São Paulo, Ediouro, 2000.

ANEXOS:

Conhecimentos abordados

- Gênero conto
- Características do gênero conto
- Análise linguística
- Revisão de texto

5 RELATO E DOCUMENTAÇÃO DO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

5.1 DESCRIÇÃO DAS AULAS MINISTRADAS

Aula 1

Terça-feira - 8/10/13

Estagiário Felipe

Foi previsto que se usaria a sala de vídeo, mas o formato do vídeo não era compatível com o DVD então a mídia não funcionou. A aula começou às 9:45 por isso.

Não vi como eles se apresentaram aos alunos. Como o vídeo não funcionou, ficamos com os alunos em sala. O Felipe distribuiu o roteiro e foi difícil fazê-los ler em silêncio.

Ele pergunta o que significa Log Out e eles não respondem. Então, ele explica. Os alunos começam a tentar falar ao mesmo tempo.

Para ler o texto alto, ele escolhe dois alunos para ler, cada um representando um personagem. Eles começam a se “pegar no pé”, sugerindo meninos para fazer o papel da mulher na leitura do roteiro. Uma menina acaba se dispondo.

Não finalizam a leitura. Assim que bate o sinal, os alunos saem empolgados para o recreio.

Aula 2

Quarta-feira - 9/10/13

Estagiário Felipe

Deu problema no vídeo de novo. Demorou mas conseguimos passar o filme. Depois, dois alunos leram o texto, cada um representando um personagem. Os outros estão quietos.

A professora reclama que estamos levando poucas cópias e que há pouca discussão com os alunos embora eles sejam comportados.

Eles ficam empolgados com a ideia de interpretar. O Felipe pede para que eles assistam aos vídeos restantes em casa.

Em seguida, passa conceitos de roteiro para eles, que ficam meio indisciplinados. Acho que a matéria é um pouco complexa para eles.

Aula 3

Quinta-feira - 10/10/13

Estagiário Felipe

Dessa vez, o audiovisual deu certo. A sala está quase vazia. Eles estão bem dispersos. Só ficam em silêncio na hora do vídeo.

Quando o Felipe faz as perguntas, os alunos não conseguem responder. Parecem entediados.

Aula 4

quarta-feira - 16/10/13

Estagiário Felipe

Eles estão bem agitados. O Felipe pergunta qual deles trouxe o texto da aula anterior. Poucos trouxeram. Ele pede que peguem os textos.

Faz um breve resumo dos conceitos das aulas anteriores, procurando incentivar a participação dos alunos, que estão interessados, mas não participam.

Posteriormente, o Felipe propõe a execução do texto. Eles começam a fazer mas muitos não entenderam ainda o que devem fazer. Fomos ajudando-os aos poucos. Fiquei um pouco atrapalhada, pois são muitos.

Correção dos trabalhos

Alguns seguiram o planejamento da maneira esperada, apenas apresentaram erros ortográficos.

Alguns não entenderam a proposta e não fizeram um roteiro, somente um texto.

Em outros, a história ficou sem conflito.

Todos têm problemas com pontuação.

Aula 5

Quinta-feira - 17/10/13

Estagiário Felipe

Eles estavam bem agitados pois faltaram duas professoras que dariam, cada uma, duas aulas para eles. Eles não tiveram nenhuma aula e achavam que iam embora mais cedo. Ficaram bem revoltados ao saber que não iriam. Foi um trabalho convencê-los a trabalhar. A diretora gritou com eles, mas não resolveu muito, pois ficaram quietos na presença delas e logo voltaram a se rebelar. O Gabriel foi tirado da sala, devido ao desrespeito.

A estagiária Letícia disse que a aula era importante para o futuro deles, e que os estagiários também estavam em aula e sendo avaliados, então os alunos se conformaram. Perdemos boa parte da aula nisso e não falamos sobre os erros. Creio ter sido um erro, pois algumas reescrituras ficaram piores que a primeira versão.

Aula 6

quarta-feira - 18/10/13

Estagiário Felipe

Socialização dos roteiros. Alguns tinham vergonha de ler e pediram para as professoras lerem. Alguns leram. Eles não respeitam muito o texto dos colegas, e riem e brincam. Os roteiros não ficaram bons e a maioria não será exposta.

Aula 7

quarta-feira - 23/10/13

Estagiária Letícia

Aula dada pela estagiária Letícia. Ela pretendia dividir o texto em parágrafos, e cada um ler um parágrafo, mas eles leem muito baixo e os outros não ouvem, então acabaram lendo ela e a professora regente.

Eles gostaram, e também gostaram do vídeo. Ela falou sobre alguns elementos da narrativa (personagem, narrador, conflito), conversou sobre comidas. Foi difícil manter

a atenção deles. Como ela estava tendo dificuldade, retornaram à sala de aula por sugestão da professora orientadora, onde a aula continuou. Ao final da aula, os alunos responderam às seguintes perguntas, sugeridas pela prof. Isabel:

1. O que mais chamou a atenção no conto?
2. O que diferencia o conto escrito do conto em vídeo? 3 características.
3. Você gostou mais de ler o conto ou assistir ao vídeo. Por quê?

A maioria cometeu erros ortográficos mesmo copiando do quadro. E todos gostaram mais do filme, porque “dá para entender melhor”.

Aula 8

quinta-feira - 24/10/13

Estagiária Letícia

Foram retomados os conceitos da aula anterior, e lido o texto A Decadência do Ocidente. Como eu esperava, eles não gostaram deste texto como gostaram do Galinha ao Molho Pardo, lido na aula anterior e com o qual foi feito um paralelo. O vídeo também foi retomado neste paralelo.

Eles estavam relativamente calmos, só ficaram agitados quando pedi que entregassem respostas ao questionário anexo ao texto dado. Os últimos vinte minutos da aula, que deveriam ser dedicados a responder, foram perdidos com pedidos de que ele pudesse ser entregue na aula seguinte. Eu deixei. Apenas um aluno me entregou neste dia, e, na semana seguinte, mais três apenas.

Aula 9

terça-feira - 29/10/13

Estagiária Letícia

Comecei a aula avisando que, na aula seguinte, haveria a produção do texto. Os alunos não pareciam muito interessados em produzir. No entanto, segui à aula, passando, como previsto, as principais características do conto que gostaria que aparecessem nos trabalhos. Também retomei alguns problemas (tanto ortográficos quanto de redação)

que apareceram na produção dos roteiros, e algumas características que o estagiário Felipe já lhes tinha ensinado. Eles tentavam “ajudar” na aula, dando palpites e discutindo o conteúdo, o que tumultuava um pouco a aula e me fazia ter que pedir silêncio constantemente.

Para dar suporte a esta aula, foi lido o texto O Galo, de Arthur Azevedo, em voz alta. Os alunos não acharam graça.

Por fim, pedi que trouxessem a pesquisa sobre animais na aula seguinte para terem ideias para escrever.

Aula 10

quarta-feira - 30/10/13

Estagiária Letícia

Os alunos não trouxeram a pesquisa pedida e optei por não fazer nenhuma socialização. Orientei os alunos a produzirem os textos. Eles começaram a produção e muitos tiveram dificuldades, não sabiam o que escrever. Então, decidi chamar a atenção deles e dar ideias.

Listei alguns filmes sobre animais, mas vários dos alunos acabaram escrevendo a história desses filmes.

Os alunos que terminaram primeiro ficaram conversando e acabaram atrapalhando os que ainda não tinham conseguido acabar. Não consegui pensar em uma estratégia pra resolver isso.

Aula 11

quinta-feira - 31/10/13

Estagiária Letícia

Comecei a aula dizendo que todos os textos que se encontram publicados foram revisados várias vezes antes de o serem. Corrigi os textos no quadro, ressaltando os problemas mais comuns e pedindo que evitassem repeti-los na reescrita. Li alguns trechos de textos para exemplificar e alguns alunos pareceram revoltados. Não

compreendi se não gostaram de ser expostos ou se gostariam que fosse lido o texto todo e revelada a autoria.

A aula toda foi consumida nisso, e, ao final, entreguei o texto corrigido para que vissem as notas. Tive que ameaçar tirar um ponto dos que não devolvessem para ter a versão de volta. Os que tiraram notas boas não queriam refazer.

Aula 12

terça-feira - 05/11/13

Estagiária Letícia

Os alunos receberam os textos e uma folha especial para a refacção e foram orientados a corrigir os itens discutidos na aula anterior. Foi difícil mantê-los fazendo o proposto, e muitos não conseguiram terminar até o final da aula, principalmente por não se concentrar na atividade. Alguns conseguiram fazê-lo bem antes, e puseram-se a conversar. A maioria deles não gosta de refazer os textos, e precisamos insistir nisso. A professora explicou várias vezes que qualquer texto publicado passa por dezenas de revisões, mas não resolveu muito.

Penso que precisamos arrumar um método de manter os alunos que já concluíram ocupados para que não atrapalhem os que ainda não conseguiram terminar. Talvez uma outra atividade, embora eles só façam atividades que valham notas. É impensável pedir que corrijam os próprios textos neste intervalo, pois precisam de orientação constante nesse sentido, o que é impossível levando-se em conta a turma grande.

Corrigindo os textos, percebemos que a maioria insiste nos erros já corrigidos tanto no quadro quanto na própria folha da redação deles.

Ao final da aula, distribuímos chiclete com brinde (tatuagem) para eles, que adoraram.

5.2 PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Recebemos muitas queixas da professora regente de que os alunos não tinham domínio da escrita, nem mesmo da leitura, o que ela classificou como “falta de capacidade” ou “problema cognitivo”. Fomos para a sala de aula preocupados com esse problema, temendo que esses depoimentos da professora influenciassem nosso planejamento de maneira negativa.

Propusemo-nos a fazer o possível para ajudar os alunos nesse sentido, e, por isso, focamos nosso trabalho na escrita e reescrita dos textos. Eu fiz duas aulas de análise linguística tendo em vista não só as queixas da professora regente, mas também as observações feitas a partir da correção dos roteiros feitos pelos alunos.

Como já foi frisado, os alunos insistiram em alguns erros, tanto ortográficos como redacionais, mesmo depois de orientados a não fazê-lo. Insistimos bastante, por

exemplo, na questão da pontuação, como o uso de vírgulas substituindo a conjunção e, encontrada excessivamente na maioria dos textos, o uso das iniciais maiúsculas, o ponto de interrogação, entre outros.

Entre os problemas redacionais, nos roteiros, vários textos ficaram sem o “conflito”, isto é, a parte essencial da história. Depois de insistirmos muito neste ponto, verificamos que praticamente todos os contos trouxeram conflito, o que nos deixou bastante satisfeitos.

Outro ponto que merece ser salientado é a adequação ao gênero. Ao compor o roteiro, muitos alunos fizeram um único parágrafo, sem a forma de roteiro, com indicação de personagem, cena, etc. Outros, ao fazer o conto, fizeram-no semelhante a um roteiro. Esse ponto foi salientado nas correções, tanto nas anotações feitas na primeira versão do texto quanto no quadro, mas muitos alunos persistiram na inadequação. Alguns, no entanto, compreenderam o ponto e conseguiram fazer um texto adequado.

Pode parecer pouco, à primeira vista, mas, considerando o tempo em que estivemos com eles (cerca de um mês), foi uma evolução enorme. O tempo será um impedimento ainda maior se considerarmos que o nosso objetivo central, unir a linguagem escrita aos modos de entretenimento usuais por eles, é um processo a longuíssimo prazo, que vai se concretizando em etapas e – arrisco-me a dizer que, assim como as habilidades escritas – nunca se completa.

6 PROJETO EXTRACLASSE

6.1 INTRODUÇÃO

Este projeto extraclasse propõe a realização de oficinas como atividades para se trabalhar assuntos que envolvam a disciplina de Língua Portuguesa; do ponto de vista didático, as propostas apresentadas pretendem contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem através de ações educacionais de forma lúdica e descontraída. No desenvolvimento das oficinas serão considerados vários aspectos das relações cotidianas e interpessoais dos indivíduos, assim como, as relações e concepções desses indivíduos com o ambiente escolar.

A palavra oficina vem do latim e traz à ideia de reaproximar experiência e pensamento, esforço e interesse, trabalho e aprendizado. A oficina é um jeito de aprender e ensinar baseado no princípio do aprender fazendo, valorizando os saberes dos sujeitos envolvidos.

Assim, além de atender as exigências do estágio obrigatório, as oficinas trabalharão a linguagem em suas diferentes práticas discursivas, atividades que exercitem a forma oral (formal) do uso da língua e que preconizem o trabalho em grupo.

6.2 AÇÃO

Promover oficinas referentes à Língua Portuguesa para um grupo de alunos das séries iniciais do ensino fundamental, com enfoque na cultura escrita.

6.3 JUSTIFICATIVA

Somos sujeitos capazes de apreender o que é extramental a nós mesmos, isto é, sujeitos cognoscentes. Nascemos com o córtex cerebral que grava nossas experiências e as transforma em memória, esta é ativada a toda e qualquer nova experiência, isto é, esse aparato orgânico nos habilita tanto a reconhecer o conhecido quanto a assimilar novos dados. Esse processo de conhecimento /reconhecimento, por sua vez, se dá a partir de uma linguagem, linguagem esta que permite a interação com o outro na sociedade na qual nos inserimos. É interessante, antes de tudo, observar que é através da semiose a partir do signo que conseguimos apreender o mundo.

Assim, de acordo com os PCNs

O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura. (BRASIL, 1998, p.19)

Dessa forma, este projeto, enquanto ensaio de democratização do saber, procura oferecer aos alunos acesso a distintos conhecimentos acerca da língua, com o intuito de ampliar seu repertório. Ou seja, iniciar do que acreditamos ser conhecimento partilhado acerca das temáticas propostas e promover um aprofundamento nas oficinas oferecidas - transformando-as num espaço onde esses alunos possam ampliar e transcender seus cotidianos “primeiros” -; utilizando o tempo restrito em que o aluno participará dessas atividades para exercitar com eles o conhecido e desafiá-lo a algo novo.

Por meio dessas atividades diversificadas, procuramos ultrapassar os limites dos muros da escola saindo da rotina que é o aprendizado em sala de aula, com o objetivo de evidenciar que o conhecimento não circula apenas no ambiente escolar, é inerente ao cotidiano, e de despertar o interesse para busca de conhecimento. Nos propomos desta forma atrelar, tal qual postula Geraldi (2010), *passado*, pois somos indivíduos históricos, *presente*, por estarmos nos construindo constantemente, e *futuro*, pois os sujeitos do futuro constroem-se a partir do que passou e o que passa agora.

6.4 Referencial teórico

6.4.1 Fábrica de heróis apresenta: a retomada do reinado

Na 36^a edição da revista Dragão Brasil: versão compacta do Manual 3D&T Turbo que quer dizer Defensores de Tóquio o RPG, Rolling Playing Game é apresentado como um “Jogo de Interpretação de Personagem”, em que o objetivo é a criação de um personagem que deverá ser representado de improviso conforme a narrativa se desenvolve. Narrativa esta que, previamente criada por um jogador denominado *mestre*, dependerá das ações dos personagens para tomar qualquer rumo. O RPG começou como uma sátira sobre super-heróis japoneses, estendeu-se para âmbito dos mangás, dos animes e dos personagens de jogos de videogame.

No que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa, o núcleo do debate em torno desse tipo de jogo se concentra no papel que a linguagem do videogame assumiu para a construção da linguagem do RPG. O surgimento videogame como plataforma

interativa no início da década de 1980, representa um avanço, não só tecnológico como também na interatividade – interação, em última análise – entre consumidor e produto. É certo que antes dos primeiros videogames já existiam jogos de diversos tipos, mas o que está em questão na relação entre RPG e videogame é, nesse sentido, principalmente a dinâmica da narrativa. A ação, seja nos jogos de videogames ou no RPG, suporta grande - às vezes incontável - número de possibilidades.

O RPG pode ser uma excelente ferramenta para o professor de língua portuguesa, pois, pela sua possibilidade de ser ambientado em diversos mundos – os quais podem ser filmes ou livros, ou criados livremente à escolha dos jogadores – e sua agilidade, é muito atrativos aos alunos, e, ao mesmo tempo, incentiva a leitura e a escrita, pois um dos pré-requisitos para o jogo é um amplo conhecimento do material trabalhado. A esse respeito, Veras e Santos (2003) , ao proporem o RPG como ferramenta para o ensino da literatura, em que uma obra literária seria usada como plano de fundo para uma aventura, afirmam: “Fica a critério do professor requisitar a leitura antes, durante ou depois do jogo. Uma vez que o jogo é realizado após a leitura, ele será mais bem desenvolvido devido ao conhecimento da estória por parte dos alunos, mas despertará o interesse deles se for realizado antes da leitura, uma vez que eles vão querer ter informações sobre o que estão jogando.” (p.7)

Para poder jogar, os jogadores devem criar para si um personagem respeitando não só as regras do sistema escolhido como também as regras estipuladas pelo mestre e limitações do mundo em que o jogo se desenrolará. Assim, o jogador fará uso da linguagem escrita não somente para definir os números que darão conta de representar as habilidades do personagem de forma matemática de modo que elas possam se adaptar ao sistema de jogo, mas também para registrar a história do personagem, fator importante no desenvolvimento do personagem do jogador, doravante denominado PC, abreviatura do inglês Player Character.

No desenvolvimento da história de vida do PC, o jogador fará uso de diversas habilidades linguísticas exigidas para a produção de textos, como sequência, coerência, lógica, etc. Além disso, como a história de vida do PC será constantemente retomada no decorrer da aventura (nome dado ao jogo) e o jogador deverá pensar nela ao representar (se ele tiver decidido que o personagem tem um trauma de infância, por exemplo, o personagem deverá apresentar o trauma durante o jogo). Além disso, o que for ocorrendo durante a aventura se acumulará como experiência do personagem e será incluído na história de vida dele.

6.4.2 O novo acordo ortográfico – a escrita em constante evolução

A reforma ortográfica passou a vigorar no Brasil a partir do dia 1º de janeiro de 2009, pelo Decreto Nº 6583 de dezembro de 2008, e durante o período que antecede a entrada em vigor do AO (Acordo Ortográfico), tanto a ortografia antiga quanto a prevista no acordo serão aceitas. A vigência obrigatória do *Novo Acordo Ortográfico* foi adiada para 2015, quando então termina o período de transição.

As novas regras ortográficas atingem os países da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) que têm o português como língua oficial: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe, e objetiva sincronizar a ortografia desses países, a fim de minimizar as diferenças existentes entre eles e proporcionar uma melhor comunicação, isto é, representa a simplificação e o aprimoramento da língua em todos os países da comunidade lusitana, e a forma para fortificar e enriquecer a língua portuguesa, a qual é amplamente falada em várias partes do mundo.

Os objetivos que buscamos alcançar através da concretização dessa oficina é implementar as práticas de uso da linguagem baseadas nas quatro modalidades da língua: escrita, leitura, escuta e fala, bem como efetuar um trabalho pedagógico apoiado numa concepção dialógica de ensino, uma vez que a linguagem constitui o sujeito, impulsionada pelas trocas estabelecidas na e pela interação com o outro. Essa concepção interacionista da linguagem, “[...] eminentemente funcional e contextualizada, pode, de forma ampla e legítima, fundamentar um ensino de língua que seja, individual e socialmente, produtivo e relevante.” (IRANDÉ, 2003, p.41).

Como estratégia de trabalho adotaremos o jogo, que é uma excelente opção para ativar a essência da criatividade e uma ferramenta que oportuniza de maneira dinâmica e desafiadora a efetiva aprendizagem. No jogo é preciso atenção às regras e às oportunidades que surgem a cada jogada, e ao jogador cabe degustar com calma cada momento, cada etapa do processo que compõe o exercício para o aprendizado.

O jogo possui elementos decisivos e para ser um bom jogador é preciso interpretar, argumentar, refletir e elaborar estratégias, demonstrar habilidades, dedicação, criatividade e superação de expectativas para obter os melhores resultados. É importante jogar para vencer, e o processo de aquisição e troca de conhecimentos para

atingir o resultado final se dá pela aprendizagem, ou seja, ao atingir um nível de proficiência na fonte do saber e da reflexão.

E ainda, a assimilação do conteúdo trabalhado é essencial para o processo de produção escrita. É no trabalho com a produção de textos e nas interações verbais que o aluno tem a possibilidade de organizar seus enunciados num processo de construção e reconstrução do já dito. “O sentido da escrita, portanto, é produto dessa interação, não resultado apenas do uso do código, nem tão somente das intenções do escritor. Numa concepção de escrita assentada na interação, o sentido é um construto, não podendo, por conseguinte, ser determinado *a priori*.” (KOCH, 2012, p. 35).

Aprender a escrever traz consigo suas dificuldades específicas. Escrever nunca é só um processo simples de transcrever a fala para a escrita ou traduzir as palavras faladas em signos escritos. [...] Escrever significa conscientizar-se da sua própria ‘fala’. [...] A produção textual de um texto começa muito antes das atividades propostas em aula. O convívio com o mundo da escrita, a leitura e a prática da discussão são elementos importantes no processo de constituição do sujeito autor de seus textos. (GERALDI, 2010, p. 169-170).

O domínio da escrita, portanto, está associado ao processo de inserção social e de afirmação da identidade. Geraldi ressalta que considera “[...] a produção de textos (orais e escritos) como ponto de partida (e de chegada) de todo o processo de ensino e aprendizagem de língua pela necessidade de devolução da palavra ao aluno na sala de aula” (2003, p. 135).

Sendo assim, a produção textual tem caráter significativo, apresenta uma opinião e/ou um movimento, não se encerra naquele momento, circula em outras esferas sociais, tem caráter refratual e proporciona o trabalho da análise linguística e de diversos tipos de gêneros e práticas de letramento, além de revelar a subjetividade do aluno quanto aos saberes relacionados aos conhecimentos sobre a escrita, evidenciada nos registros dos textos produzidos.

Desta forma, entendemos que a superação das dificuldades encontradas pelos alunos na aprendizagem da linguagem escrita, principalmente, na produção de texto, passa pela compreensão de que a linguagem escrita não é um conjunto de signos e regras a serem seguidas, mas ocorre a partir do conhecimento de suas funções e usos nas práticas sociais. “Assim, é nas questões de produção e compreensão de textos, e de suas funções sociais, que se deve centrar o estudo relevante e produtivo da língua. Ou

melhor, *é o uso da língua – que apenas se dá em textos – que deve ser o objeto – digo bem, o objeto – de estudo da língua.*” (IRANDÉ, 2003, p.111).

Enfim, cabe a nós educadores trabalhar em prol de uma ação consequente, cuja função não se resume em apenas destacar erros de desvios ortográficos, aliás, essa tarefa tem se mostrado um fracasso, pois na maior parte dos casos se o aluno não for levado a refletir sobre o erro ele não assimilará o conhecimento. Isso não significa que a correção ortográfica não deverá ser trabalhada, mas a ela caberá um segundo plano.

Em geral, o que se deve pretender com uma programação de estudo do português, [...] é ampliar a competência do aluno para o exercício cada vez mais pleno, mais fluente e interessante da fala e da escrita, incluindo, evidentemente, a escuta e a leitura. Em função desse objetivo é que se vai definir o conteúdo programático em torno do qual o professor e aluno realizam sua atividade de ensino e aprendizagem. (IRANDÉ, 2003, p.110-111).

Segundo Irandé (2003) é importante levar o aluno a reflexão de que “aprender é uma das coisas mais bonitas e mais gostosas da vida. Acontece em qualquer tempo, em qualquer idade, em qualquer lugar. [...] E a história se constrói nesse jogo coletivo do interdiscurso, nesses elos que se criam pela passagem da linguagem.” (p. 175).

Portanto, é preciso que o professor ofereça alternativas, aprimore seus conhecimentos, observe/analise as possibilidades com o olhar no futuro, incentive a leitura, a oralidade, a escrita e eduque sem repressão. E mais, que as escolas e seus orientadores transformem-se em participantes ativos dessa jogada.

A aprendizagem não é um processo simples, mas fundamentalmente necessário para a busca da autonomia do conhecimento dos sujeitos aprendizes. A língua portuguesa transcende os campos do conhecimento escolar. Aprender e apreender nossa língua é garantir autonomia social. E mais, o processo da aprendizagem é um caminho infinito... E no jogo, as regras são fechadas, mas as combinações de jogadas são infinitas...

6.4.3 Não omito o mito: vampiros

Foi o aprimoramento da linguagem que estimulou o homem, nos tempos remotos, a querer narrar os acontecimentos que o rodeavam procurando estabelecer relações entre os fenômenos da natureza e seu poder de fala; começando a sentir, portanto, a necessidade de compreender como surgiu o universo em que vive para

entender sua relação com o mundo e, conseqüentemente, consigo mesmo. O sagrado se faz valer e o homem a partir dos mitos inicia essa tentativa de reconhecimento

Um mito é uma narrativa sobre a origem de alguma coisa (origem dos astros, da Terra, dos homens, das plantas, dos animais, do fogo, da água, dos ventos, do bem e do mal, da saúde e da doença, da morte, dos instrumentos de trabalho, das raças, das guerras, do poder, etc.).

A palavra mito vem do grego, *mythos*, e deriva de dois verbos: do verbo *mytheyo* (contar, narrar, falar alguma coisa para outros) e do verbo *mytheo* (conversar, contar, anunciar, nomear, designar). Para os gregos, mito é um discurso pronunciado ou proferido para ouvintes que recebem como verdadeira a narrativa, porque confiam naquele que narra; é uma narrativa feita em público, baseada, portanto, na autoridade e confiabilidade da pessoa do narrador. E essa autoridade vem do fato de que ele ou testemunhou diretamente o que está narrando ou recebeu a narrativa de quem testemunhou os acontecimentos narrados. (CHAUÍ, 2000, p.32)

Na apresentação de *O vampiro antes de Drácula*, Humberto Moura Neto e Martha Argel apontam para o fato de que, quando surgiu, o vampiro não era um monstro, ou um demônio, pelo contrário, era real e tinha como função explicar acontecimentos que a ciência - em sua limitação - não conseguia fazer. De acordo com os autores “O mito do vampiro pode ter nascido da conjunção de dois componentes. Por um lado, a necessidade de explicar o alastramento de certas epidemias numa época e lugar onde não se conheciam os mecanismos de contágio; por outro, o desconhecimento do processo de decomposição cadavérica”. (ARGEL; NETO, 2008, p.20)

No ensino de literatura, atravessá-la com mitologia é uma tentativa de romper com a autoridade tradicional da História, que naturalmente está incumbida de uma Verdade que nos pergunta quem é o autor, qual a sua importância, qual a localização de sua obra historicamente, quais os recursos que ele utilizou para criar uma determinada obra, a que Escola Literária ele pertence, e assim por diante. Esse tradicionalismo castra qualquer possibilidade de contato íntimo com a literatura, uma vez que, ao trilhar o caminho “legalizado” da obra, a última ação do aluno é a de entrar em contato com o texto literário em si. Sob essa perspectiva, no espaço-tempo reduzido da oficina “Não omito o mito”, pretende-se evidenciar o vampiro como representação, a literatura como espaço para a criação, uma vez que o mundo literário é sustentado pela não-verdade, pelo não-poder, pela ambigüidade.

6.4.4 A Língua Portuguesa em Jogo

O jogo é usado nas escolas como ferramenta de raciocínio que ajuda os alunos na concentração, desenvolvendo a capacidade de atenção, melhorando a prática de leitura ampliando sua visão e domínio da língua, além de fazer uma socialização com os envolvidos nos jogos. A proposta de fazer de uma aula convencional um jogo interativo faz com que os alunos se envolvam na atividade proposta assimilando de forma natural o que antes parecia um parto difícil.

Segundo Piaget (1976), o jogo é uma atividade preparatória, útil ao desenvolvimento físico do organismo. Da mesma forma que os jogos dos animais constituem o exercício de instintos básicos e necessários, como os de combater ou caçar, também o indivíduo que joga desenvolve suas percepções, sua inteligência, sua curiosidade em estar experimentando, além de seus valores sociais. É pelo fato de o jogo ser um meio tão valioso e eficiente na aprendizagem, que em todo lugar em que se consegue transformar leitura, cálculo, ortografia em brincadeira, observa-se que os alunos se apaixonam por essas ocupações tidas comumente como maçantes.

O trabalho com jogos didáticos em sala de aula visa preparar os alunos nos processos de aprendizagem estimulando o conhecimento e melhorando o seu desempenho na disciplina, pois os jogos em geral, fazem com que o aluno se interesse mais pelo assunto. Cabe ao professor estimular e elaborar jogos que complementem os assuntos dados em sala de aula, dando um novo olhar sobre aquilo que eles já estavam vendo de forma tradicional em sala. Pois para alguns alunos certos assuntos são de difícil assimilação e pelo jogo esses assuntos mais difíceis de entender ficam mais leves e o aluno consegue assimilar melhor o conteúdo dado pelo professor.

O jogo e a brincadeira permitem ao aluno criar, imaginar, fazer de conta, funciona como laboratório de aprendizagem, permitem ao aluno experimentar, medir, utilizar, equivocar-se e fundamentalmente aprender (VYGOTSKY e LEONTIEV,1998 p.23).

Através desses jogos e brincadeiras acreditamos que os alunos se envolvam com mais propriedade dos assuntos inseridos nesses jogos, pois uma pessoa precisa gostar do que faz para efetivamente o fazê-lo bem e de forma natural, sem que isso se torne um monstro incompreensível. Acreditamos que o jogo tem esse poder, o de transformar o que parecia incompreensível em algo mais leve, divertido e interessante. O que buscamos de fato é que os alunos mudem a ideia de que estudar a língua portuguesa é chato e difícil. Com os jogos queremos criar um interesse pelo estudo da língua e fazer

com que os alunos fiquem mais sociáveis, que interajam mais entre eles mesmo, fazendo com que a turma fique mais unida e respeitosa e com isso, aprendam a usar as suas habilidades como raciocínio e concentração. Com isso também criamos uma maior aproximação entre o professor e o aluno estreitando os laços, mostrando que o professor pode ser um amigo confiável, fazendo com que os alunos se sintam mais a vontade para expor suas dificuldades e problemas.

Portanto, um bom professor deve estar sempre atento as novas formas trabalho sendo crítico e seletivo na busca de novos modelos de conhecimento ousando e correndo riscos, pois assim se faz um bom ensino aprendizagem. Além de reforçar os conhecimentos aplicados em sala de aula, também queremos aproximar a Língua Portuguesa da vida desses alunos desmistificando que a Língua Portuguesa é chata e de difícil assimilação. Acreditamos que com o jogo podemos explorar mais os aspectos interacionais da língua em uso e do convívio entre indivíduos de um mesmo entorno social, como forma de estimular os alunos na aprendizagem da língua, ampliando seus conhecimentos e observando como os mesmos se comportam em grupo, como se ajudam para vencer, criando com isso importantes laços de amizade e cooperação.

6.5 Objetivo geral

Facultar aos alunos oportunidades de imersão na cultura escrita, suas implicações com a oralidade, em diferentes desdobramentos que se consolidam nos espaços sociais, com destaque ao contato com representações culturais dos letramentos dominantes e dos gêneros discursivos secundários que têm lugar nesses espaços, na busca por ressignificar representações sobre o mundo e sobre o outro.

6.5.1 Objetivos específicos

- Diversificar o conhecimento de gêneros dos alunos
- Desenvolver capacidades de leitura/escrita
- Tornar prazeroso o conteúdo de língua portuguesa
- Aproximar o aluno do conteúdo de forma lúdica
- Estreitar o relacionamento entre alunos e professores
- Promover outras habilidades cognitivas dos alunos
- Mostrar os diversos formatos onde o ensino pode ser explorado

- Promover a interação amigável entre os alunos no trabalho em grupo

6.6 Desdobramentos da ação

Atividade	Coordenação	Local
1. Recepção aos alunos	1. Grupo dos estagiários	1. Hall de entrada da escola
2. Fábrica de Heróis apresenta: A Retomada do Reinado	2. Leticia e Felipe	2. Sala de artes
3. O novo acordo ortográfico – a língua em constante evolução.	3. Glizauda, Patrícia e Thaiza	3. Sala da Mari
4. Não omito o mito: vampiros		
5. A Língua Portuguesa em Jogo	4. Eduarda e Marina	4. Sala do Laboratório de Matemática
6. Encerramento	5. Daniel e Nilton	5. Sala da Lilian
	6. Grupo dos estagiários	6. Auditório da escola

6.7 Metodologia

O Dia da Língua Portuguesa será um dia em que oitenta alunos, previamente inscritos, serão dispensados das atividades regulares e encaminhados para a participação em oficinas extraclasse realizadas pelos estagiários de língua portuguesa da UFSC. Essas oficinas serão distribuídas em quatro salas do colégio Padre Anchieta, cada uma com dois estagiários responsáveis.

O dia escolhido para a realização dessa atividade foi o dia 12 de novembro de 2013, uma terça-feira, cujos períodos matutino e vespertino serão utilizados.

No período matutino, os alunos serão recepcionados no auditório entre as 8h15 e 8h30, período também utilizado para a formação dos grupos, diferenciados pela cor dos crachás recebidos. Em seguida, os grupos se dirigirão às respectivas salas das oficinas.

Cada oficina terá a duração de 30min e capacidade para dez alunos. Após a finalização da primeira, cada grupo se dirigirá à seguinte, até passarem por todas as oficinas oferecidas no projeto.

Das 10h às 10h15, haverá um intervalo simultâneo ao intervalo (recreio) regular da escola, seguido da última oficina, após a qual os alunos serão encaminhados a assistir à última aula regularmente.

No período vespertino, a recepção aos alunos será das 13h30 às 13h45, também no auditório da escola, onde novamente se formarão grupos de até dez alunos, seguindo o mesmo roteiro do período matutino, apenas sem os agradecimentos finais no auditório, que deverão ser feitos na própria sala da oficina. O intervalo e o término das oficinas serão ao mesmo tempo, das 15h45 às 16h.

As oficinas serão:

- “Fábrica de Heróis apresenta: A Retomada do Reinado”, ministrada pelos professores estagiários Letícia Salazar Moretto e Felipe José Martins Pereira, abordará o processo de criação de personagens para o jogo de RPG (role playing game), tendo por fim o estímulo à escrita de forma lúdica.

- “O novo acordo ortográfico, a escrita em constante evolução” que será ministrada pelas professoras estagiárias Glizauda Chaves; Thayza Heidê Caldeira Lima; Patrícia Rodrigues da Silveira e abordará o novo acordo ortográfico desde sua criação até a sua implementação efetiva, mostrando aos alunos a sua finalidade e relevância junto à comunidade de falantes de Língua Portuguesa no mundo de forma lúdica e divertida.

- “Não omito o mito: vampiros”, ministrada pelas professoras estagiárias Eduarda da Silva e Marina Siqueira Drey, abordará a(s) origem(ns) do mito do vampiro, mostrando a passagem desse mito através da história, como foi criado e representado ao longo dos anos.

- “A Língua Portuguesa em Jogo”, ministrada pelos professores estagiários Daniel José Martins e Nilton José de Melo, abordará alguns aspectos da língua Portuguesa em um jogo do tipo Quiz, com perguntas e respostas de Língua Portuguesa, como Gramática; Literatura; conhecimentos locais e gerais, dando ao ensino de língua Portuguesa um reforço estimulante e divertido.

6.8 Avaliação

A atividade será considerada satisfatória se, ao final dela, os alunos tiverem tido contato com os diferentes espaços em que os usos da linguagem, com destaque à

modalidade oral e escrita da língua, circulam socialmente, experienciando novas possibilidades de ver o mundo e o outro por meio desse contato.

6.9 Planos das oficinas

6.9.1 Plano de ação: Fábrica de Heróis apresenta: A Retomada do Reinado

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I: 2013.2

Professora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Disciplina: Língua Portuguesa

Estagiários: Felipe José Pereira

Letícia Salazar Moretto

Projeto Extraclasse

Fábrica de Heróis apresenta: A Retomada do Reinado

Tema:

- Criação de personagem para RPG (role playing game)

Objetivos:

- Criar um personagem preenchendo a ficha fornecida (em anexo)
- Criar características físicas e psicológicas e história de vida do personagem
- Preencher ficha para RPG respeitando as características do gênero

Conhecimentos abordados:

- Universo “fantasia medieval” (universo em que se passam os contos de fadas)
- Gênero RPG

Metodologia

- Os alunos serão recepcionados por um dos estagiários que lhes contará uma história de personagem previamente criado pelos estagiários, como exemplo (em anexo).
- Ao fim da história, os convidará para se unir a ele na busca, para a qual criarão o personagem
- Distribuição das fichas
- Explicação dos dados a serem preenchidos nas fichas (em anexo)
- Criação do personagem com auxílio de ambos estagiários
- Desenho do personagem criado
- Os desenhos serão expostos no hall da escola

Recursos

- Decoração da sala
- Lápis de cor, giz de cera, canetinhas
- Fichas
- Mapas da Terra de Algalord (anexos)
- Trilha sonora do filme O Senhor dos Anéis

Avaliação

- Participação na oficina

Referências:

Howard Shore. **The Lord of the Rings: The Two Towers** [Original Motion Picture Soundtrack]. Estados Unidos : Reprise Records: 2002. 1 disco compact (72 min.): digital, estéreo. MW0000229370.

Rhapsody. **Legendary Tales**. Alemanha: Limb Music: 1997. 1 disco compact (45 min.): digital, estéreo. NEMS 36.

Rhapsody. **Dawn of Victory**. Alemanha: Limb Music: 2000. 1 disco compact (49 min.): digital, estéreo. NEMS 225.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Anexos

Ficha de Personagem e instruções de preenchimento

Nome: (os alunos serão orientados a pôr o próprio nome entre parênteses após o nome do personagem)

Raça: Os alunos terão as opções de humano, elfo, meio elfo, anão, fauno (meio homem – meio bode), minotauro e hobbit.

Classe: Opções: arqueiro, ferreiro, paladino (guerreiro que serve algum deus), clérigo, mago, cavaleiro, bárbaro (guerreiro oriundo de tribos bárbaras em regiões distantes), ranger (guerreiro protetor da natureza).

Armas: Espada, clava, arco e flecha, machado, lança. Aqui podem ser enumerados também outros artefatos usados pelo personagem, como armadura, montaria, roupas, etc.

Características físicas:

Características psicológicas:

História:

História a ser contada para os alunos (Ficha exemplo):



FICHA DE PERSONAGEM



NOME: Tanaeris

Raça: Humana

CLASSE: Princesa

ARMAS: A espada Sultis (se queres), que só fere quem a dona desejar ferir, herança de família, mas Tanaeris raramente entra em combate, por temer morrer e abandonar seu povo.

CARACTERÍSTICAS FÍSICAS: Ruiva, baixa estatura, cabelo comprido, pele clara.

Normalmente gosta de cores vivas, mas tem usado vestidos pretos em homenagem à morte do Pai.

Como administra o reino do castelo, Tanaeris não costuma usar armadura, mas tem uma guardada para emergências. Ao contrário da espada, que foi herança de família, a armadura foi confeccionada especialmente para ela por um mestre ferreiro anão que trabalha para o reino.

CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS: Determinada, preocupada com seu povo. Às vezes perde boas oportunidades porque pensa demais.

HISTÓRIA: Meu reino (Algalord) está em guerra com Elgard há anos. Ambos querem ampliar os territórios e Elgard deseja o reino vizinho porque este fica perto do mar, sendo um ponto estratégico.

A guerra começou na época do antigo Rei (pai de Tanaeris), mas ele morreu e a filha ficou sozinha tomando conta do reino. Mas, como a guerra tem durado muito tempo, o contingente de soldados tem diminuído muito e quase não há mais esperanças. A única é a Espada Esmeralda, uma espada mágica que vai desequilibrar as forças e melhorar as chances de Algalord vencer a guerra. Por isso, Tanaeris está oferecendo uma boa recompensa a quem encontrá-la.

Quem gostaria de ajudá-la?

Mapas da Terra de Algalord (Enchanted Lands)



6. 9.2 Plano de ação

PLANO DE AULA: EXTRACLASSE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa Literatura I

PROFESSORA ORIENTADORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

IDENTIFICAÇÃO

Escola: E.E.B. Padre Anchieta

Professora regente da turma: Ana Carolina França de Oliveira

Estagiárias: Glizauda Chaves Lima, Patrícia Rodrigues , Thayza Heeide C. Lima

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: Ensino Fundamental II Turno: matutino e vespertino

Data: 12/11/2013 – Terça-feira

TEMA: O novo acordo ortográfico - A língua em constante evolução.

OBJETIVOS:

- a) potencializar as práticas de uso da língua, – por meio de dinâmica;

- b) promover reflexão sobre a diferença entre Acordo Ortográfico e Reforma Ortográfica, assim como seu contexto histórico e geográfico;
- c) promover a reflexão sobre a língua como um sistema interativo, em constante processo de evolução em consonância com o desenvolvimento da sociedade;
- d) promover o conhecimento das regras de acentuação e grafia das palavras segundo o novo acordo da Língua Portuguesa.

CONHECIMENTOS:

Língua, leitura, escrita, mudanças implantadas no sistema ortográfico brasileiro.

METODOLOGIA:

Aula extraclasse: 30min

O Jogo:

O jogo consiste em um painel produzido pelas professoras estagiárias contendo 20 questões¹ e respostas centralizadas no acordo ortográfico da Língua Portuguesa², em especial ao uso do hífen, hiato, tema e palavras homógrafas; assim como na participação dos alunos que serão divididos em três grupos de cinco participantes; e nas importantes inferências feitas pelas professoras/estagiárias que farão a mediação referente a regras aplicadas em cada situação.

A dinâmica do jogo:

Os participantes serão divididos em grupos/equipes, cada equipe, em ordem já definida³, escolherá um número no painel, esse número irá conter uma pergunta surpresa, assim, o grupo terá que responder a questão; se a equipe acertar a pergunta um membro da equipe terá o direito de retirar uma estrela do painel, escolhida aleatoriamente⁴, essa estrela apresentará uma pontuação; na sequência, a próxima equipe poderá escolher e retirar um número do painel, dando continuidade ao jogo. Caso a equipe não acerte a resposta, ela não terá direito de retirar a estrela, sendo assim,

¹ Ver questões em anexos.

² As perguntas estarão escondidas atrás de um número, o que será visível para o aluno é somente o número, ou seja, o aluno escolherá o número.

³ A definição da ordem do grupo, ou seja, quem iniciará a dinâmica está especificada no terceiro momento do item, DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE PROPOSTA.

⁴ As estrelas serão anexadas ao redor do painel e conterão pontuação diferente, ou seja, o aluno só saberá a pontuação da estrela escolhida, quando retirá-la do painel.

o grupo passará a vez para a próxima equipe, e assim sucessivamente. Ganha a equipe que obtiver o maior número de pontos.

A intervenção das professoras ocorrerá no momento das respostas de cada grupo, sendo elas certas ou erradas, dessa forma, apresentando a regra da nova reforma ortográfica.

A premiação:

1º Lugar: Chocolate

2º Lugar: Pirulito

DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE PROPOSTA:

05min: introdução sobre o assunto – nova reforma (porque está acontecendo a reforma, quando ela entrará em vigor, a importância da reforma, o que é o acordo/reforma, contexto histórico e geográfico). (as falas serão divididas entre as estagiárias Gli, Patrícia e Thayza)

02min: os alunos serão divididos em três grupos de cinco participantes/alunos.

03min: os alunos irão escolher o nome da sua equipe na sequência decidirão no par ou ímpar quem irá iniciar a dinâmica.

15min: os alunos estarão envolvidos na disputa/dinâmica.

05min: os alunos serão premiados com 1º, 2º Lugar

AVALIAÇÃO DA AULA:

O desempenho dos alunos no alcance dos objetivos será avaliado a partir dos seguintes critérios:

- a) desempenho nas atividades propostas na dinâmica.
- b) participação nas reflexões feitas pelas professoras acerca das questões do novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa.

RECURSOS:

- a) painel de perguntas e respostas;
- b) recurso de áudio e vídeo por meio de projetor multimídia;

c) caneta e apagador para quadro branco.

REFERÊNCIAS: (mencionadas acima)

ANEXOS:

Questões para o jogo.

1) Quais foram as letras incluídas no alfabeto?

Resposta: K, W, Y

2) Qual é a forma correta?

Sequência ou Seqüência

Resposta: Sequência

3) Qual é a forma correta?

Lingüiça ou Linguiça

Resposta: linguíça

4) Qual é a forma correta?

Argúi ou Argui

Resposta: Argui

5) Qual é a forma correta?

Idéia ou Ideia

Resposta: Ideia

6) Qual é a forma correta?

Jóia ou Joia

Resposta: Jóia

7) Qual é a forma correta?

Feiúra ou Feiura

Resposta: Feiura

8) Qual é a forma correta?

Vôo ou Voo

Resposta: Voo

9) Qual é a forma correta?

Pêra ou Pera

Resposta: Pera

10) Qual é a forma correta?

Mantêm ou Mantem

Resposta: Mantêm

11) Qual é a forma correta?

Microondas ou Micro-ondas

Resposta: Micro-ondas

12) Qual é a forma correta?

Microônibus ou micro-ônibus

Resposta: Micro-ônibus

13) Qual é a forma correta?

Auto-escola ou autoescola

Resposta: autoescola

14) Qual é a forma correta?

Semi-aberto ou semiaberto

Resposta: semiaberto

15) Qual é a forma correta?

Auto-retrato ou autorretrato

Resposta: autorretrato

16) Qual é a forma correta?

Anti-social ou antissocial

Resposta: antissocial

17) Qual é a forma correta?

Manda-chuva ou mandachuva

Resposta: mandachuva

18) Qual é a forma correta?

Pára-quedas ou paraquedas

Resposta: paraquedas

19) Qual é a forma correta?

Pára-quedista ou paraquedista

Resposta: paraquedista

20) Qual é a forma correta?

Pára-brisa ou parabrisa

Resposta: parabrisa

6.9.3 Plano de ação “Não omito o mito: vampiros”

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

*Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia e Ensino*

Escola: Escola de Educação Básica Padre Anchieta

Estagiárias: Eduarda da Silva e Marina Siqueira Drey

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Estagiárias responsáveis: Eduarda da Silva e Marina Siqueira Drey

Data: 12/11/2013

Duração de cada sessão de comunicação: 30 min (6h\|a)

Horário: 8h30 às 11h30 e das 14h15 às 17h15

Série: 6º, 7º e 8º anos.

PLANO DE AÇÃO

Tema

Não omito o mito: vampiros.

Objetivos

Objetivo geral

Discutir a(s) origem(ns) e a(s) versão(ões) do mito do vampiro.

Objetivos específicos

- Introduzir a turma à reflexão acerca da literatura fantástica;
- apresentar diversas explicações dadas para a origem desse mito;
- a fim de demonstrar que homem frente o inexplicável constrói\|adapta conceitos, apresentar traços semelhantes entre alguns monstros criados com o mesmo intuito que o vampiro;
- levar aos alunos os “verdadeiros vampiros”, isto é, casos verídicos de doenças raras que são ou foram associadas ao mito do vampiro;
- fazer um percurso mostrando as representações do vampiro ao longo do tempo.

Conhecimentos abordados

- Literatura fantástica;

- mitologia.

Metodologia

- Iniciar a discussão questionando os alunos se: 1) eles conhecem o mito do vampiro; 2) eles sabem como os vampiros surgiram; 3) eles acreditam nesse mito;
- baseando-nos na hipótese de que haverá opiniões divergentes, introduzir o mote da literatura fantástica (a incerteza);
- introduzir nossa fala propondo três supostas origens: lendas judaicas; explicação para doenças (contágio e características); lenda em que se confunde vampiro e demônio (imaginário popular); (hipertricose);
- para ilustrar a discussão de que o homem sente a necessidade de, a fim de justificar fenômenos “inexplicáveis”, metamorfosear monstros, adaptando suas características, fazer uma comparação entre o vampiro, o lobisomem, o zumbi e a bruxa;
- traçar um percurso histórico das representações do vampiro, usando trechos de obras literárias, filmes e imagens;
- apresentar as histórias “reais” nas quais os autores se basearam para escrever (por exemplo, Conde Vlad Dracul que deu origem ao Conde Drácula);
- mencionar a crença do vampiro como algo que persiste até os dias atuais, ilustrando por meio de reportagens recentes.

Recursos

Datashow

Netbook

Slides

6.9.4 Plano de Ação A Língua Portuguesa em Jogo

Escola: Escola de Educação Básica Padre Anchieta

Disciplina: Língua Portuguesa

Professora Titular: Ana Carolina França de Oliveira

Professores Estagiários: Daniel José Martins e Nilton José de Melo

Turno: matutino e vespertino

Data: 12/11/2013

Aula 1: (8h30 às 11h15)

Aula 2: (13h45 às 16h30)

Tema: A Língua Portuguesa em Jogo

Objetivos Gerais

- Mostrar aos alunos que o conteúdo de Língua Portuguesa também pode ser divertido;
- Fazer com que os alunos aprendam Português de forma lúdica.
- Promover o trabalho em grupo.

Objetivos Específicos

- Espera-se que os alunos se identifiquem e se envolvam com a proposta do jogo.
- Fazer com que os alunos relembrem as aulas de Língua Portuguesa reforçando assim o seu aprendizado.

Conhecimentos abordados

- A importância dos jogos no ensino de Língua Portuguesa como forma de retomar conhecimentos abordados em sala de aula, além da interação entre alunos de turmas diferentes em prol de um objetivo comum.

Metodologia

1º Parte (Descrição do jogo e regras)

- Serão dois professores que ficarão com um grupo cada e farão as perguntas.
- Serão dez alunos divididos em dois grupos de cinco alunos cada.
- Os grupos formarão duas filas no começo da trilha para se prepararem para o início do jogo.
- Terá duas trilhas com dez quadrados em cada uma
- A trilha terá diferentes cores como níveis de dificuldades.
- As cores serão:
- Branco – perguntas sobre a escola e a cidade (muito fácil).
- Verde – perguntas sobre conhecimentos gerais (fácil).
- Amarelo – perguntas sobre literatura (médio).
- Vermelho – perguntas sobre gramática (difícil).

- O professor fará uma pergunta para um grupo e depois o outro professor fará uma pergunta para o outro grupo.
- Acertando avança a frente e errando fica parado.
- Ganhará o jogo o grupo que chegar primeiro ao final da trilha.
- Todos os grupos receberão brindes ao final da partida, sendo que o grupo vencedor ganhará um brinde um pouco melhor.

2º Parte (Andamento do jogo)

- O jogo terá oito participantes que serão divididos em dois grupos iguais com quatro participantes em cada um dos grupos.
 - Os alunos serão ordenados um atrás do outro no começo de cada trilha e receberão instruções de como funcionará o jogo.
 - Cada professor ficará responsável por um grupo e irá fazer as perguntas para esse grupo.
 - O jogo será parecido com esses jogos de televisão com perguntas e respostas de língua portuguesa, do tipo (Quiz). Onde os participantes terão que percorrer um caminho de pequenos quadrados e numerados de 01 a 10.
 - Cada número percorrido será feita uma pergunta ao participante, se acertar a pergunta avança um número, mas se errar o participante terá que ir para o final da fila e o grupo não sairá do lugar, sendo que o próximo da fila desse grupo responderá a próxima pergunta quando chegar a sua vez.
 - Depois será feito o mesmo com o outro grupo
- Ganhará o jogo o grupo que conseguir chegar primeiro ao final da trilha ou ao número 10 que será a última pergunta.

Perguntas referentes ao jogo:

Perguntas de conhecimentos do entorno e da escola (ficha de cor branca)

01 – Qual o nome da nossa escola?

- a) Padre Anchieta
- b) Frei Anchieta
- c) Bispo Anchieta

02 – Qual o nome da professora de língua Portuguesa

- a) Ana Carolina
- b) Sandra Carolina
- c) Cora Coralina

03 – Quantos anos a nossa escola tem?

- a) 54 anos
- b) 84 anos
- c) 34 anos

04 – Qual é o nome da diretora da escola?

- a) Maria Helena
- b) Maria Madalena
- c) Maria Rosa Helena

05 - Em que bairro está localizada a nossa escola?

- a) Itacorubi
- b) Centro
- d) Agronômica

Perguntas de Conhecimentos Gerais (ficha de cor verde)

06 – Qual o nome do prefeito de Florianópolis?

- a) Cesar Souza
- b) Cesar Souza Junior
- c) Luiz Henrique da Silveira

07 – Que nome tinha Florianópolis antigamente?

- a) Floripa
- b) Ilha da Magia
- c) Desterro

08 - Para qual time do futebol mundial o jogador Neymar foi transferido?

- a) Guarani da Palhoça
- b) Atlético de Madri
- c) Barcelona

09 - No feriado de finados é comemorado:

- a) O dia dos mortos
- b) O dia das mães
- c) O dia do professor

10 - O que significa a sigla Enem?

- a) Ensino Nacional Em Matemática
- b) Exame Nacional Ensino Médio
- c) Exame Nacional Estudos Medianos

11 - Quais países, além do Brasil, que também falam Português?

- a) Angola, Macau, Moçambique
- b) Angola, Japão, Macau
- c) Portugal, Angola, Argentina

12 - Qual o nome da presidenta do Brasil?

- a) Dilma Rousseff
- b) Vilma Rousseff
- c) Zilma Rosete

Perguntas de Literatura (ficha de cor amarela)

13 - Em qual curso Monteiro Lobato se formou na faculdade?

- a) Letras
- b) Engenharia
- c) Direito

14 - Qual o primeiro livro que Monteiro Lobato publica como editor?

- a) O Saci

- b) Reinações de Narizinho
- c) Urupês

15 - Harry Potter faz aniversário no mesmo dia que J.K. Rowling. Qual é a data da festa?

- a) 01 de setembro
- b) 15 de novembro
- c) 31 de julho

16 - Qual é o melhor remédio para um ataque de Dementadores?

- a) Chocolate
- b) Açúcar
- d) Sal

17 - Qual o transporte aéreo proibido pelo Ministério da Magia na Grã-Bretanha?

- a) Dragões
- b) Tapetes Voadores
- c) Vassoura Velha

18 - Qual o nome da escritora dos livros de Harry Potter?

- a) J.R.R.Tolkien
- b) J.K.Rowling
- c) Rick Riordan

19 - Qual o nome do escritor de “A turma da Mônica”?

- a) Mauricio de Sousa
- b) Mauricio de Castro
- c) Ziraldo

20 - Quem foi Cruz e Sousa?

- a) Humorista
- b) Professor
- c) Poeta

21 - Onde nasceu Cruz e Sousa?

- a) São Paulo
- b) Florianópolis
- c) Rio de Janeiro

22 - Ermione é personagem de qual livro?

- a) O senhor dos anéis
- b) As crônicas de Nárnia
- c) Harry Potter

23 - Qual é o assunto preferido de Franklin cascaes?

- a) Políticas
- b) Bruxarias
- c) Novelas

24 - Cascão é personagem de qual autor?

- a) Ziraldo
- b) Monteiro Lobato
- c) Mauricio de Sousa

25 - O que Tia Anastácia fazia no sítio do pica pau amarelo?

- a) Escrevia livros
- b) Fazia quitutes maravilhosos
- c) Pintava quadros

26 - Mônica é personagem de qual autor?

- a) Ziraldo
- b) Monteiro Lobato
- c) Mauricio de Sousa

27 - Qual é a letra que o Cebolinha não consegue falar?

- a) P
- b) S
- c) R

Perguntas de Gramática (ficha de cor vermelha)

28 - Qual das palavras abaixo não pertence ao gênero masculino.

- a) Domingo
- b) Dólar
- c) Hora

29 - Um dos itens abaixo NÃO É um símbolo de pontuação.

- a) Acento agudo
- b) Vírgula
- c) Ponto.

30 - Uma das palavras abaixo NÃO PERTENCE ao gênero feminino.

- a) Medalha
- b) Hora
- c) Dólar

31 - Um dos itens abaixo NÃO É um símbolo de pontuação.

- a) Ditongo
- b) Parágrafo
- c) Dois-pontos

32 - Das palavras abaixo, qual não é verbo?

- a) *Amaste*
- b) *Pedirá*
- c) *Rocha*

33 - As palavras "CABRUM, BUM, POF, TIQUE-TAQUE e DING DONG" são:

- a) *Onomatopéias*

- b) *Conjunções*
- c) *Pronomes*

34 - O feminino de judeu é:

- a) *Judeia*
- b) *Judia*
- c) *Judiana*

35 - O plural de alemão é:

- a) *Alemães*
- b) *Alemãos*
- c) *alemões*

36 - Quantas sílabas há na palavra paralelepípedo?

- a) 5 sílabas
- b) 7 sílabas
- c) 9 sílabas

37 - Casa, mesa e vaso são escritas com (s), mas tem som de?

- a) S
- b) Z
- c) SS

38 - Qual é o plural de caminhão?

- a) *Caminhões*
- b) *Caminhães*
- c) *Caminhões*

39 - quantos fonemas têm a palavra fogo?

- a) 4 fonemas
- b) 2 fonemas
- c) 3 fonemas

40 - Como se escreve a palavra Osso

- a) Com (s)
- b) Com (ç)
- c) Com (ss)

41 - Quantas letras têm o nosso alfabeto incluindo o k, w, y?

- a) 28 letras
- b) 30 letras
- c) 26 letras

42 - Qual é o coletivo de livros?

- a) Livraria
- b) Biblioteca
- c) Livreiro

43 - Cardume é o coletivo de?

- a) Carne
- b) Peixes
- c) Flores

44 - Complete o ditado:

Água mole em pedra dura tanto bate até que...

- a) Limpa
- b) Molha
- c) Fura

45 - “não adianta chorar sobre o leite derramado” quer dizer que?

- a) Pode dar problemas nos olhos.
- b) Não adianta lamentar sobre o que já está feito.
- c) Misturar lágrima e leite pode pegar fogo.

46 - Eu, tu, ele, nós, vós, eles, são respectivamente:

- a) Verbos
- b) Adjetivos
- c) Pronomes

47 - “Eu estudo português” está em que tempo?

- a) Passado
- b) Futuro
- c) Presente

48 – Qual é o antônimo de máximo?

- a) Poderoso
- b) Grandioso
- d) Mínimo

49 – A palavra semáforo é uma:

- a) Paroxítona
- b) Oxítona
- c) Proparoxítona

50 – A palavra elegante é um:

- a) Verbo
- b) Adjetivo
- c) Substantivo

5. Recursos didáticos

Cartolina;

Giz ou Caneta;

Crachá;

Material de Uso Particular;

Lousa;

Quadro e giz.

6. Referências

-<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/jogo-literatura-582623.shtml>

- http://sitededicadas.ne10.uol.com.br/quiz_cri_portugues_facil.htm

- Linguagem Criação e Interação 6º ano/7ºano – Cássia Garcia de Souza/Márcia Paganini Cavéquia

7 RELATO E DOCUMENTAÇÃO DO EXTRACLASSE

7.1 RELATO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

O projeto extraclasse, além do objetivo de preencher as horas-aula que seriam impossíveis de ser dadas em classe, por causa do tempo, tinha a função de tornar a disciplina de língua portuguesa mais divertida e mais próxima do universo dos alunos. Ou seja, dos três principais pontos com que nos preocupamos na elaboração do projeto das aulas em classe - Os conceitos aprendidos na graduação, o interesse dos alunos, o conteúdo a ser ensinado - , optamos por nos dedicarmos mais ao interesse dos alunos, sem tanta atenção ao conteúdo, embora ele estivesse presente de forma menos aprisionadora do que costuma ser em sala.

Para tornar as oficinas mais livres da sala de aula, os alunos foram convidados a participar e não receberam nota. Assim, recebemos alunos que realmente desejavam estar ali.

Talvez por esse motivo – e também por serem turmas pequenas, de no máximo dez alunos -, o comportamento nas oficinas foi muito mais tranquilo que o apresentado nas aulas regulares, embora alguns alunos tenham tentado se impor e/ou provocar os professores.

A produção – preenchimento das fichas – foi muito boa, no geral, embora alguns alunos não tenham querido fazê-la. Estes foram motivados, mas não obrigados. Alguns outros estavam sem ideias, e os estagiários procuraram ajudá-los nesse sentido.

O que chamou a nossa atenção foi que muitos ainda se mantiveram presos às obrigatoriedades da sala de aula, constantemente perguntando se “estava certo”, chamando os estagiários para ver se “era assim mesmo que se fazia” ou perguntando com insistência “quantas linhas deveriam ser feitas”. Condizente à proposta original do projeto, os alunos foram deixados bem livres. Às duas perguntas iniciais, a resposta era normalmente um “está ótimo” seguido de sugestões para complementar e deixar a história mais interessante, entre as quais o aluno poderia escolher a que mais gostasse.

À pergunta de quantas linhas deveriam ser feitas, a mais repetida – depois, claro da “o que são características físicas/psicológicas?” - , a resposta era “quantas linhas forem necessárias para contar a história do seu personagem”.

Além dessas liberdades, o aluno não era obrigado sequer a entregar a ficha: quem desejasse levá-la para casa poderia fazê-lo. A maioria entregou.

Chegamos a liberar dois alunos que desejaram voltar para a sala de aula.

Optamos também por não corrigir erros ortográficos dos alunos.

A partir daí, vemos que os alunos ainda estão presos à obrigatoriedade, e querem ordens expressas do que devem fazer ou não.

O preenchimento das fichas, como já dito, foi bem satisfatório, a maioria compreendeu bem as regras do RPG e preencheu criou histórias coerentes com o universo proposto. Além disso, eles se empolgaram contando as histórias criadas e planejando o que iria ser feito.

O preenchimento das categorias *características físicas/psicológicas*, depois do esclarecimento do que queriam dizer essas palavras, também foi muito bom, embora a maioria dos alunos tenha feito personagens parecido consigo mesmo. Ainda a esse respeito, houve meninas que fizeram personagens masculinos, mas o contrário (meninos fazendo personagens femininas) não ocorreu.

A categoria história, destinada a se contar a trajetória de vida do personagem, foi a mais preterida, talvez por ser a última. Alguns não preencheram e a maioria fez apenas duas ou três linhas. Alguns poucos chegaram a exceder as linhas da folha, contando histórias bem criativas.

7.2 O CONSELHO DE CLASSE

Logo após o fim do nosso período de observação das aulas da professora regente, fomos convidados a participar do conselho de classe da turma em que iríamos lecionar. Alguns alunos (aproximadamente cinco) estavam lá para saber o que os professores tinham a dizer sobre eles. A maioria recebeu elogios, mas também foram criticados e se lhes pediu que melhorassem o comportamento, especialmente com relação à conversa. A mãe de uma aluna também estava lá, pois sua filha havia acabado de entrar neste colégio. A professora regente nos disse que é comum que os alunos vão ao conselho de classe, e que a quantidade de alunos presentes, entre as turmas mais velhas, é muito maior.

Após todos os alunos presentes terem sido avaliados, eles são dispensados e começa a avaliação dos que não estavam lá. Alguns alunos simplesmente não frequentam ou não fazem nenhuma das atividades. Não chegamos a conhecer esses alunos.

Além da avaliação de cada aluno individualmente, o professor regente de cada turma, antes do conselho, faz uma avaliação geral da escola e da turma com os alunos e leva os resultados para o conselho.

8 ENSAIO FINAL

O período antecedente ao estágio I costuma ser uma etapa de grande medo e ansiedade, e estarei mentindo se disser que comigo foi diferente, embora eu tivesse acabado de me formar no bacharelado.

A professora Isabel e a comunidade escolar nos deram amplo apoio na inserção no meio, o que fez com que nos sentíssemos mais seguros. A primeira etapa do estágio é a menos arriscada, porém a mais ansiosa: observamos atentamente as atitudes da professora regente da turma em sala de aula, ouvimos com atenção os depoimentos dela, anotamos tudo, temendo, na nossa vez, repetir as atitudes que desaprovávamos, não saber transmitir aos alunos o que desejamos, não conseguir controlar a turma.

A segunda etapa, de preparação de aula, também foi extremamente ansiosa, tanto pelo tempo curto quanto pelo desejo de fazer uma aula atrativa e instrutiva. Esse tempo de preparo, na minha opinião, deveria ser mais longo para que os estagiários possam ter mais encontros de orientação.

A terceira etapa, do estágio de docência propriamente dito, em que as aulas foram aplicadas, foi uma fase de intensa movimentação e em que a ansiedade já estava mais controlada. De acordo com as nossas vivências nesta etapa, podemos avaliar de maneira crítica os nossos próprios planejamentos e mesmo as observações que havíamos feito do comportamento da professora regente, bem como diversos preconceitos que tínhamos sobre o ensino básico.

Pude perceber que nosso planejamento continha alguns problemas, como, por exemplo, não era exatamente interessante para os alunos. Eles gostaram muito de assistir aos vídeos mas, aparentemente, não os relacionaram com o conteúdo escrito. Alguns alunos me procuraram para pedir que fizéssemos “alguma coisa diferente”. Outra falta que senti foi a de mais aulas de análise linguística, embora os alunos tenham achado cansativo refazer os textos diversas vezes. Acho que seriam de mais utilidade para os alunos do que o conhecimento detalhado do funcionamento dos gêneros.

Quanto ao meu relacionamento em sala com eles, posso dizer que foi satisfatório e até bom. Achei um pouco exagerado o modo como a professora lida com eles, muito maternal e infantil, mas acabei me tornando um pouco amiga deles, alguns me chamando pelo primeiro nome. Apesar disso, acho que consegui me impor o suficiente

para poder dar as aulas com a colaboração deles e me senti mais confortável. Em alguns momentos, os alunos se empolgavam com o conteúdo e tentavam me ajudar, comentando sobre o assunto, o que tumultuava um pouco a aula e me fazia ter de pedir silêncio.

No último dia de aula, levamos chiclete com tatuagem temporária para eles, que adoraram.

A quarta etapa do estágio docente foi o extraclasse. Feito após o término da docência em sala de aula, nos demandou esforço extra, pois precisamos fazer outro projeto, com outro plano de aula e tudo o mais. Além disso, como o tema escolhido foi RPG, algo próximo à realidade dos alunos, também decoramos a sala e eu fui “fantasiada” de princesa para compor o personagem criado para a aula. Os alunos não comentaram sobre a decoração, mas recebi alguns elogios pelo vestido.

Preparar tudo foi muito divertido e também cansativo. Devo dizer que valeu a pena.

Algumas questões muito importantes foram levantadas durante o estágio. A mais importante delas foi “estamos subestimando a inteligência dos nossos alunos?”

A nossa primeira proposta apresentada à professora regente foi a de trabalho com artigos de jornal e como os jornalistas são parciais e cada meio de comunicação tem sua visão sobre os fatos, o que influencia a notícia. Segundo ela, fazer um trabalho destes com alunos do sexto ano “é até judiação”. Ela afirmou, também, seguidas vezes, que eles não têm capacidade. Tecemos severas críticas quanto a esse pensamento na primeira reflexão crítica, mas após a docência, creio que precisemos relativizar essas mesmas críticas. Os alunos são muito inteligentes e, se instigados, se interessam pelo assunto. Portanto, o que a professora atribui a “problemas cognitivos” e “falta de capacidade” é, na verdade, falta de base, ou seja, o ensino dos anos iniciais não supriu todos os pré-requisitos de conhecimento esperado. Um episódio pode ilustrar essa afirmação. Um dos alunos mostrou-me seu roteiro e percebi um erro de concordância. Ele havia escrito “eles tava”. Tentei incentivar o garoto a conjugar o verbo, mas ele demonstrou nunca ter conjugado verbo algum. Assim, acredito que um professor que tenha uma turma com esse tipo de histórico deve adequar o conteúdo ao conhecimento prévio dos alunos, mas o pensamento de que eles não têm capacidade é prejudicial ao

desenvolvimento deles e mesmo ao ensino, porque fará o professor subestimar a inteligência da turma.

A segunda pergunta, extremamente relevante para mim, foi a seguinte: “estariam os professores trabalhando além do limite? E até que ponto esse trabalho excessivo beneficia nossos alunos?”

Já é lugar comum em nossa sociedade dizer que os professores ganham muito pouco e trabalham em excesso. Não pretendo repisar, aqui, as constantes afirmações do senso comum a esse respeito.

Coloquei-me a refletir sobre esse assunto enquanto preparava a decoração da sala em que seria realizada a oficina extraclasse (foram feitos seis estandartes, decorados com uma cruz heráldica, e um mapa do reino foi colado no quadro, para os alunos pudessem ver as cidades em que ocorria a “guerra” narrada pela personagem). Além disso, separamos algumas músicas cujo tema coincidia com o da oficina e eu fui vestida a caráter para representar a personagem.

A minha reflexão foi sobre o quanto esse tipo de trabalho (que é realmente exigente) seria significativo para a aprendizagem dos alunos. Obviamente que a sala ficou linda, mas será que eles não teriam aproveitado mais se tivessem a oficina em uma sala nua e com estagiários mais descansados?

Não tenho uma resposta para esta questão, pois talvez a decoração contribua para o clima de “não é aula normal”, que foi a grande motivação das oficinas.

Por fim, concluo que o período de estágio é curto demais. Gostaria de ter convivido com eles mais tempo, de ter tido mais tempo para elaborar os projetos, os relatórios, tudo. Um tempo curto, porém intenso, como um poema. Creio que me lembrarei para sempre deste estágio, bem como dos rostinhos dos alunos. Uma tatuagem. “Professora, olha como ficou a tatuagem, professora”, me disse uma das alunas, sobre o brinde do chiclete.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio é não só uma etapa de concretização dos conhecimentos adquiridos ao longo da graduação, mas um grande aprendizado, de estratégias, de convivência, de práticas. Desse modo, soa até redundante a afirmação de que foi uma experiência extremamente enriquecedora, mas às vezes não podemos fugir dos lugares comuns.

O colégio que nos foi designado atende comunidades carentes, o que nos aumentou o senso de responsabilidade. Sabemos que o conhecimento é uma excelente ferramenta de ascensão social, e gostaríamos de ajudar nossos alunos de alguma forma. Havia tantas coisas para conciliarmos... Os conceitos aprendidos na graduação, o conteúdo a ser ensinado, o interesse dos alunos...

Procuramos com afinco fazer tudo isso. Se conseguimos? Somente os alunos e o tempo poderão dizê-lo. Mas nós, finalizando o estágio, saímos não com a sensação de “dever cumprido”, algo impensável na educação, que é um processo contínuo e infindável, mas com o desejo de ter feito a nossa pequena parte nesse complexo tão criticado que é a educação.

10 REFERÊNCIAS

Acordo Ortográfico. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/acordo_ortografico.pdf> Acessado em: 26/10/2013

ALVES, Franciele. **A afetividade na prática docente no ensino escolar fundamental**. 2011. 22f. TCC (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Estadual de Maringá – Campus Regional de Cianorte, Paraná, 2011. Disponível em: <http://www.crc.uem.br/pedagogia/documentos/franciele_alves.pdf>. Acesso em 16 set. 2013.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo (SP): Parábola Ed., 2003.

_____. Repensando o objeto de ensino de uma aula de português. In: _____. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

ARGEL, Martha & NETO, Humberto Moura (Organizadores). **O vampiro antes de Drácula**. São Paulo: Aleph, 2008

AZEVEDO, Artur. **O Galo**. Disponível em: <

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=7483>. Acesso em 26 set. 2013.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo (SP): Hucitec, 2002.

_____. **Estética da criação verbal**. [Trad. Paulo Bezerra]. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARRETO, *Tiago*. **Vende-se em 30 segundos: manual do roteiro para filme publicitário**. São Paulo (SP): SENAC São Paulo, 2004.

CASSARO, Marcelo. **Dragão Brasil: versão compacta do Manual 3D&T Turbo**. Nº 36. Editora Talismã, 2003.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1991.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo, Ática, 2000.

CPLP: Comunidade dos Países de Língua Portuguesa: Disponível em: <

<http://www.itamaraty.gov.br/temas/mecanismos-inter-regionais/cplp>>. Acesso em 02 dez. 2013.

Dúvidas Frequentes: Acordo Ortográfico. Disponível em:

<<http://www.portoeditora.pt/acordo-ortografico/duvidas-frequentes>> Acessado em: 26/10/2013.

ELIAS, Maria Vanda (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011.

Espaço Língua Portuguesa: Acordo Ortográfico. Disponível em:

FIELD, Syd. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. Rio de Janeiro (RJ): Objetiva, 2001. 223p.

FUNDOS, Porta dos. **Porta dos Fundos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

Game da reforma ortográfica. Disponível em: <<http://www.fmu.br/game/home.asp>> Acessado em: 26/10/2013.

GERALDI, João Wanderley. **A Aula como acontecimento**. São Carlos – SP: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Ancoragens**. São Carlos\SP: Pedro e João, 2010.

_____. **O Texto na Sala de Aula**. Cascavel: Assoeste, 2ª Edição, 1984.

_____. **Portos de Passagem**. São Paulo: Editora Martins Fontes Editora Ltda, 4ª Edição, 1997.

_____. “Unidades básicas do ensino de português”. In: (Org.). *O texto na sala de aula*. Cascavel: Assoeste, 1985.

_____. “Da redação à produção de textos” In: *Aprender e ensinar com textos de alunos*. 4ª edição, São Paulo (SP): Cortez, 2001.

GOTLIB, Nadia Battella. **Teoria do Conto**. São Paulo, Ática, 2006.

Jogo da Acentuação. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/jogo-das-palavras/index.shtml>> Acessado em: 26/10/2013.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2012.

MOLINA, M. A. “A Questão do Método no Ensino da Língua Portuguesa: século XIX”. Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro, v.XIV, n.2, p.341-353, 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/341-353.pdf> Acesso em: 23 set. 2013

Nova Ortografia da Língua Portuguesa. Disponível em:

Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

O que é? – O acordo ortográfico. Disponível em: <<http://novaortografia.com/o-que-e/>> Acessado em: 26/10/2013

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. *Escola de Educação Básica Padre Anchieta*. Documento disponibilizado pela própria escola, 2013.

PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA. *Língua Portuguesa*. Disponível em: < http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/documentos/cat_view/89-ensino/156-proposta-curricular/158-1998/232-disciplinas-curriculares >. Acesso em 23 set. 2013.

SABINO, Fernando. *O menino no espelho*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

SANTOS, C.B. ; VERAS, A. F. . **RPG como Ferramenta de Ensino**. 2003. Disponível em: <<http://www.rpgeduc.com/artigo02.pdf>>.

SILVA, Maurício. **O novo acordo ortográfico da língua portuguesa**: o que muda, o que não muda. 2. Ed., 2º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

SOARES, Magda. “História de uma disciplina curricular.” In: BAGNO, Marcos (Org.) **Linguística da norma**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **A mãe de Freud**. Porto Alegre, LP&M, 1985, pp. 21-22.

XIMENES, Sérgio. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo, Ediouro, 2000.

11 ANEXOS

11.1 TERMOS SIARE

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**
Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 492620

O(A) **Secretaria de Estado da Educação**, CNPJ 82.951.328/0001-58, doravante denominado(a) **CONCEDENTE**, representado(a) pelo(a) sr(a) **Maria Elena Lueneberg**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Leticia Salazar Moretto**, CPF **079.540.799-88**, telefone **30342508**, e-mail **letietchka@hotmail.com**, regularmente matriculado(a) sob número **9174019** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

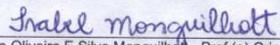
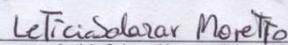
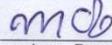
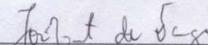
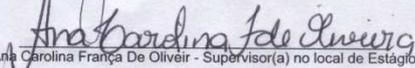
Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 03/06/2013 e vinculado à disciplina MEN7001 .	Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.
Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott , da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).	Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração .
Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 20 horas (4 horas diárias) , a ser desenvolvida na CONCEDENTE , no(a) Escola Básica Padre Anchieta , de 20/08/2013 a 11/12/2013 , respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Ana Carolina França De Oliveir .	Art. 9º O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE , desde que observados os itens deste TCE.
Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 4251.2012.121.82.307717.38.0.000-1 da seguradora Capemisa Seguradora de Vida e Previdência S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32).	Art. 10º Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.
Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.	Art. 11º As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.
Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.	

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 492620

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de Observação em turma de 6ºano - Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio, elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos; atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:
Florianópolis, 27 de agosto de 2013.

 Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott - Prof.(a) Orientador(a)	 Leticia Salazar Moretto - Estagiário
 Maria Elena Lueneberg - Representante na CONCEDENTE Diretora Geral Mat. 263600-0-03	 Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC
	 Ana Carolina França De Oliveir - Supervisor(a) no local de Estágio

TCE Nº 492620 - Gerado pelo SIARE em 22/08/2013 às 17:08:45 hs.

11.2 FICHA DE REGISTRO DAS OBSERVAÇÕES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE PORTUGUÊS - ENSINO FUNDAMENTAL

Escola: E. E. B. Padre Anchieta
Turma: 62
Professora: Ana Carolina Franca de Oliveira
Estagiário(a): Letícia Salazar Moretto
Período de observação total: _____

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura da professora titular
Aula 1	20/8	9:15 - 10:00	substantivo - adjetivo	
Aula 2	21/8	7:45 - 8:30	leitura	
Aula 3	21/8	8:30 - 9:15	leitura - exercícios	
Aula 4	22/8	11:00 - 11:45	leitura	
Aula 5	27/8	9:15 - 10:00	leitura preenchimento do quadro	
Aula 6	28/8	7:45 - 8:30	leitura	
Aula 7	28/8	8:30 - 9:15	produção de HQ	
Aula 8	29/8	11:00 - 11:45	leitura - redações	
Aula 9	3/9	9:15 - 10:00	Educação Física	
Aula 10	4/9	7:45 - 8:30	Questionário	

Assinatura da Professora da Turma

11.3 AMOSTRAS DOS TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS - ROTEIROS

11.3.1 PRIMEIRA VERSÃO

Nome: LETÍCIA FERNANDA DATA: 16-10-18.

TÍTULO: AMOR e AMIZADE.

JUSTIM (Esta na sala de dança) 1.
chega SELENA.

SELENA (Comprimento JUSTIM) Oi, tudo
bem com você?

JUSTIM (ele respondeu) sim, estou bem.
Bem, vamos ensaiar para o show?

SELENA (aclamou) Hoje eu não posso.

JUSTIM (perguntou) por que você não
pode ensaiar hoje?

SELENA (gostou de segredo) eu não posso
falar. e um segredo do meu.

JUSTIM (Insistiu para ela falar) por
favor, SELENA, fala. nós somos
melhores amigos, pode falar.

SELENA (pediu desculpa) me desculpa,
JUSTIM. eu não posso falar para
nenhuma pessoa.

JUSTIM (vai embora) bem, agora eu
vou ir para casa.

SELENA (dise) Meio triste) TA bom, então
tchau.

JUSTIM (PRÓS UM ENCONTRO) SELENA,
você que sair comigo?

SELENA (dise) claro. onde?

JUSTIM (Respondeu) Vai ser na
praça às 14:30 h

SELENA (dise) talém.

Justin (Chegando à PRAÇA) Ficou esperando Selena. (use esse parágrafo de descrição.)

Selena (Se atrasou) Desculpe o atraso?

Justin (Respondeu) Sem problema.

Selena (Perguntou) Por que você me chamou para este encontro?

Justin (Ficou sem graça) É por que eu gosto muito de você.

Selena (ficou sem graça) e verdade?

Justin (Respondeu) sim, é verdade

Riram alguns anos e Justin e

Selena começaram a namorar e

depois, mais tarde, se casaram.

↑ inclua o atraso no parágrafo de descrição

Oi, Leticia! O seu roteiro ficou muito legal!

Mas ainda temos umas coisinhas para ajustar... Depois do nome dos personagens, você põe uns parênteses indicando o que o personagem faz. Procure retirá-los quando eles dizem coisas que já aparecem na fala. Por exemplo, quando você diz "Selena (pediu desculpa) me desculpa", não precisa colocar duas vezes que ela pediu desculpas. Use esses parênteses para dizer coisas que não estão nas falas como, por exemplo, você diz que o personagem está sem graça.

Use, também, a primeira parte de cada cena para descrever o cenário. Você pode falar se existem árvores, bancos, espelhos, etc, nos locais.

nome: Weslen data 16/06/2023

Título

Historário de um encontro

Cena I — estava um menino

Sentado no banco da praça esperando
um menino e o menino falou: "Não era
as 8 horas?" menino falou Era. Mas
tu tá aqui das 8 horas

- O menino responde - Hum. Vamos comer
um sorvete.

- menino falou - sim, por favor

- Como você se chama?

- Jéssica. E você?

- Welton. Que nome bonito o seu!

- O seu também.

(Os dois chegando na sorveteria)

- de que você quer o teu, Jéssica?

- de chocolate. E o teu?

- de morango.

(Os dois na fila da sorveteria)

menino - Você gostaria de ~~comer~~ comigo?

menina - Sim

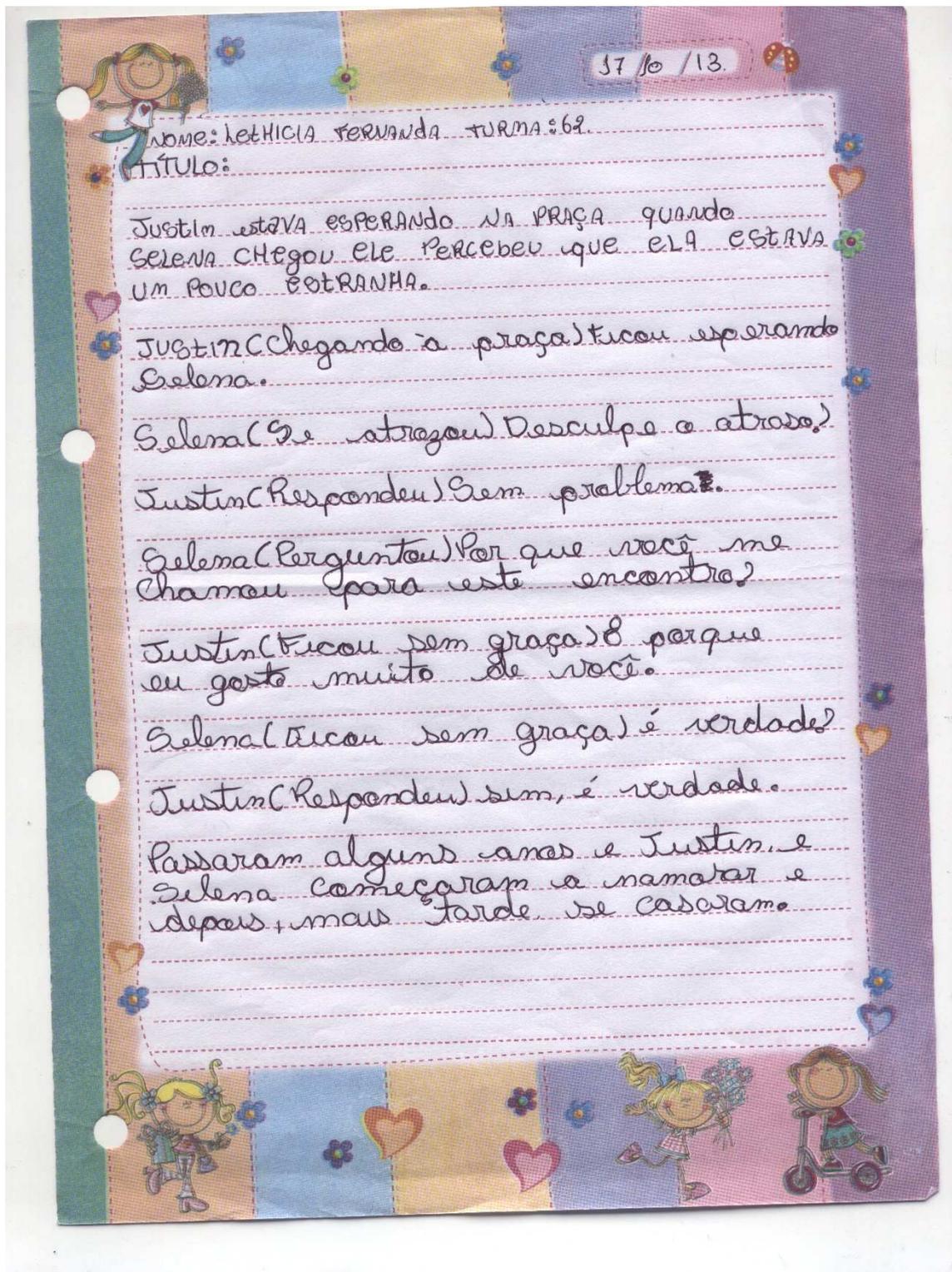
menino - Éta, você é muito bonita!

menina - Você também

(Os dois se beijam e vão embora)

Oi, Weslen! Nós já corrigimos juntos o seu texto

11.3.2 SEGUNDA VERSÃO



Nome: Nesten malinolski Alves de Lima

Título

A história de um encontro

Como ele estava um momento ^{memito} sentado no Banco do praço esperando um momento chegou

WILAN - Não era as Bonas?

GABRIELA - Sim, mas estou aqui desde os 11 anos

WILAN - quem tem um sorriso?

GABRIELA - VAMOS SIM

WILAN - Como você se chama?

GABRIELA - O meu nome é GABRIELA e seu?

- WILAN,

WILAN - Já me conhece o seu?

GABRIELA - seu também.

(Os dois dizem NA SORTE)

WILAN - do que você vai querer o teu, GABRIELA

GABRIELA - de chocolate e o teu?

WILAN - de morango.

(Os dois saem do sítio)

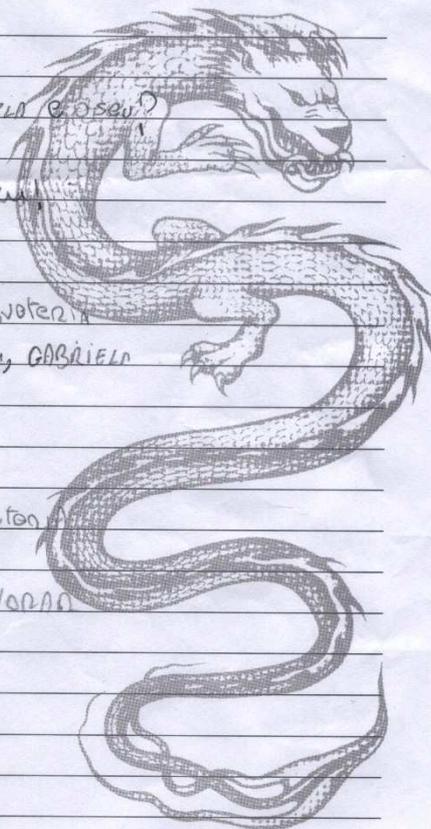
WILAN - Você gostaria de mandar com mim?

GABRIELA - sim

WILAN - Você é muito bonita!

Você também

GABRIELA



11.4 CONTOS

11.4.1 PRIMEIRA VERSÃO

Nota 8 - 30/10/13

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom

nome: Joana Lúcia M. Espindola

Título: O menino Luís e a cachorra Felipe

mesmo maninho de sábado a menina e Luís saíram com o seu pai e a cachorra Felipe para Charanda muito. O Luís e a cachorra ficaram com o seu pai e a Felipe ficaram de Charanda e começaram a ficar felizes. Depois de 2 horas, o menino Luís saiu com a sua cachorra e Felipe e ficou com o seu pai e a Felipe. Ele ficou com a cachorra de sua espécie e perguntou para ele qual era seu nome? O outro cachorro respondeu: - Eu sou o Thiago e não, como se chama? Felipe. - O meu nome é Felipe e conheço-lo Felipe. Felipe ficou muito feliz que ele se fosse Thiago disse Felipe Felipe e teve que ir para casa com os seus pais.

O menino Luís continuou a caminhar com a sua cachorra e os dois ficaram na penca (foi) que passou uma cachorra Bem diferente e a Felipe saiu correndo atrás dele (foi) que a Felipe se perdeu. Então, começou a chorar e a sua mãe e a cachorra começaram a ficar com fome. Foi ficando bem fraco e se alimentava, aliás e o Thiago (foi) que a menina Luís estava. O Felipe ficou bem fraco e não conseguiu se levantar e o Luís tentou tentar levantar e Felipe não conseguiu. Felipe acabou morrendo ali e o Luís ficou muito triste e caminhou e a cachorra ficou 3 dias chorando por causa da

FORONI

11/10/08

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom

Nas cachareta o pai de Luis foi na loja de animais
e comprou catão e o Luis não se esquecia
de Felipe e Luis recebeu a cachareta igual ao
~~de~~ Felipe e ~~começou~~ começou a chorar e cachareta ao
Felipe foi ^o os dias muito felizes ^{até} que aconteceu
um ^{acidente} acidente com Luis e ele ficou muito
machucado, e breves de morte ^{até} que ele
~~retornou~~ sobreviveu ^{sem} o acidente
mas ele não conseguiu se mexer depois de 4 meses
e Luis começou a se recuperar do acidente
e conseguiu voltar do ^{Ele voltou} ^{separ} ~~acidente~~ e ~~ficou~~
na cachareta.

FIM

Oi, João Victor! Gostei muito da sua história! Mas
precisamos arrumar algumas coisinhas. Tente evitar repetir
muitas vezes a mesma palavra, principalmente muito
próximas. Também escreva os nomes dos personagens
com letra maiúscula. Na parte do diálogo, cada fala
deve ficar em um parágrafo. Comece a escrever na
margem e dê espaço somente quando for parágrafo.
Conte com você! Bom trabalho!

Natasha

Nota = 8

data 30/10/13

S T Q Q S S D

Conto

Título → A menina Kelly e sua gata mar.

Era uma vez uma menina chamada Kelly. Ela gostava muito de gatinhos ^{mas} ela não tinha muitos amigos.

Seu pai não gostava de gatos.

Por isso a Kelly vivia triste pelos cantos, ela não ia pra nenhum lugar, era de casa pra escola, da escola pra casa.

Um dia, seus pais viram ela chorando e sentiram muita pena dela e não aguentaram, compraram uma gatinha pra ela, ela gostou muito e ficou muito feliz. Seus pais também gostaram da gatinha, porque...

A gata ia se chamar mar porque ela gosta muito do mar.

A gatinha gostou dela e ela ~~de~~ da gata.

Elas ficaram amigas e vivem sempre sempre.

Fim!

Oi! Você se esqueceu de botar nome no texto! Nós já conversamos sobre ele. A história ficou muito legal, e o começo está excelente. Os três últimos parágrafos que ficaram meio soltos. Tente "amarrá-los" mais ao resto do texto. Eu sei que você consegue! Vamos trabalhar?

siema

Jandaia

11.5 EXERCÍCIOS EM SALA

11 / 11

① O que chamou atenção no conto?

R: A coragem do menino de esconder a galinha.

② O que diferencia o conto escrito do conto em vídeo? 3 características

R: O texto escrito tem ^{algo} mais do que o vídeo

③ Você gosta mais de ler o conto ou de assistir ao vídeo? Por quê?

R: Assistir porque eu não gosto muito de ler

Nome: Luiz Henrique M. Bezerra

Turma 62

Serie 6^o

escola: Padre Anchieta

Escola

tilibra

maioria 62

3

23/10/13

1) O que chamou atenção no conto?

R: O menino em tirando o caso.
entendendo

2) O que ~~é~~ diferencia o conto escrito do
conto em vídeo? 3 características

R: só que o vídeo deu pra entender
melhor

3) Você quer mais de ler o conto
ou de assistir o vídeo? Por que?

R: Do vídeo porque deu pra
entender melhor

1) é legal engraçado e gostei de
uma palavra de Fernando X

2) também legal e fala sobre
a moda mibale X

3) Sim e isso significa que
tem prazer de falar

4) ~~o~~ Fernando - engraçado meio
Doidinho, menino - também é engraçado
mas sem ligar que iam matar galinha

5) sim e eu soltaria ela

6) do Fernando porque tá engra-
çado e porque a história estava
mais comprida

marcos Vinícius 3

"Fazer um breve resumo" quer dizer "contar
a história com suas próprias palavras, ok?"

Nome: Tiarlei Luciano matheus

3

24/10/13

TURMA: 62

1) A mulher querio pelo o fresco do Salimão
no Zóen e malto sendo mais o mínimo não querio
deixar mais o Salimão doir de escodem o Salimão.

2) Ela também como Salimão vindo e cria-
ção de No caso dele o filho dele Zóen
vito adquire doir o filho dele Zóen que na-
vo tempo vindo como Salimão vindo de col-
com oti uma norma no Salimão de maritamento.

3) Ela sentio muito vontade de ir mais o Sal-
imão pelo Zóen e malto sendo que tempo
uma semana teve criação doir o mínimo e, com
o Salimão pelo ela não mais o Salimão doir
foi que a mulher deu o filho pelo Zóen como
mosstrando.

4) o filho mais mais não querio quem mais
outra e Salimão doir de Zóen não tudo que
não metamos o Salimão.

5) Ela também mais Salimão no Zóen.

6) Sentiu de Salimão de malto. Por-
do porque foi o que eu mais me gostei em
antecão.

11.6 EXTRACLASSE

 FICHA DE PERSONAGEM 

Nome: Skatista

Raça: Humano

Classe: Cavaleiro

Armas: Maçã de

Características físicas: anda de skate, as MANDAR
RAS saem FOGO, OS TRUCKS TEM ESPINHAS
e o SHAPE é DE ASSO

Características psicológicas: Ele é um VAGABUNDO
e não faz nada na vida APENAS ANDA
DE SKATE

História: o SKATISTA NASCEU NA
PISTA e NÃO GOSTA DE MANDAR MAND
BRA De Freestyle só MANDA HARD FLIP
W HARD FLIP IMPOSIBLE, 360 FLIP NÃO LUTA
a 3000 Mil séculos e AGORA só ANDA
DE SKATE e Vai Tudo Dia Na PISTA



FICHA DE PERSONAGEM



Nome: ANARITA

Raça: HUMANA

Classe: GUERRA

Armas: ESPADAS E ESCUDO

Características físicas: LOIRA, GRANDE, OLHO AZUL
E MUITO BUNITA

Características psicológicas: É QUETA NÃO FALA MUITO
MAIS GOSTA DE PESSOAS

História: ELA NASCEU A MUITOS ANOS ATRÁS
E FOI APRENDIZADO A SE UMA GUERRA COM
O SEU PAI ELA ERA ANAIS NOVA DOS IRMÃOS, MAS O
PAI DELA NÃO TINHA NADA PARA ELA, ELA QUE
VIA OS IRMÃOS E O PAI LOTANDO, E FOI APRENDIZADO
AI ELA GREGEL EVEZ A PROPRIA ARMA E VIU
UMA GUERRA.



Ficha de PERSONAGEM



Nome: Polyana Rodrigues de Oliveira

Raça: Humano

Classe: Ranger

Armas: Arco e Flecha

Características físicas: Auto e esbelta, com cabelos castanho claro, é bem parecido com um elfo só que um pouco mais auto e mais pesado.

Características psicológicas: era muito feliz ria por tudo adorava dançar na floresta, mas não gosta quando alguém maltrata a floresta, ele é muito poderoso porque é o melhor amigo do mago, que da

História: Eu sou uma ranger nasci na floresta dos unicórnios, é o melhor amigo da princesa Taneres e do mago, como o reino de Taneres está em guerra ela vai a floresta dos unicórnios para relaxar e esquecer um pouco a guerra, ela adora dançar comigo na florestas, e eu sempre faço lindos vestidos de flores, folhas e mais alguns itens que tem na floresta.



Ficha de PERSONAGEM



Nome: Motoguardo

Raça: Elfo

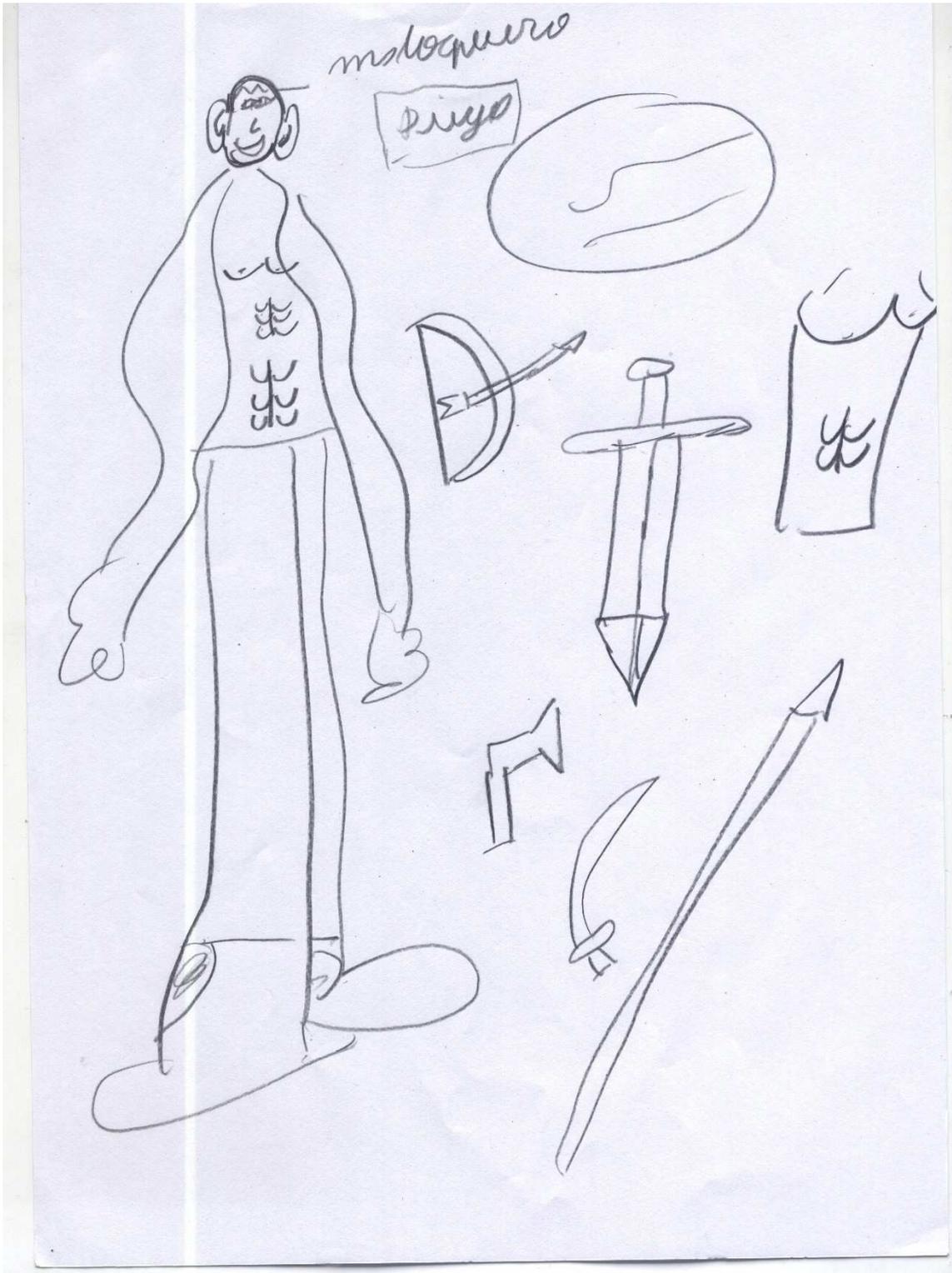
Classe: guerreiro

Armas: lanço, espada, escudo, arco e flecha, foice, machado, clava, corvo

Características físicas: alto, forte, Bronco, metódico

Características psicológicas: corajoso e metódico

História: Um elfo que morava no alto de montanhas e de repente começou uma guerra e destruiu o caso dele e ele queria vingança e ele foi atrás dos humanos que destruíram seu caso e seus florestas e ele entrou em guerra quando ele descobriu que estava lutando com seus próprios família e ele matou todos os seus irmãos e primos que destruíram seu caso. E dois meses depois ele se arrependeu e pensou em pedir perdão para o resto de sua família e de repente um guerreiro de sua família o viu ele por trás e ele morreu.



11.7 FOTOS



Decoração da sala da oficina extraclasse



Chiclete com brinde